



**Roberta Corrêa Lanzetta**

**Apoios comprados: formas contemporâneas de  
suporte à maternagem**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Maria Inês Garcia de Freitas Bittencourt

Rio de Janeiro

Março 2016



**Roberta Corrêa Lanzetta**

**Apoios comprados: formas contemporâneas  
de suporte à maternagem**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Profa. Maria Inês Garcia de Freitas Bittencourt**  
Orientadora  
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

**Profa. Joana de Vilhena Novaes**  
Universidade Veiga de Almeida - UVA

**Prof. Carlos Eduardo Veiga da Silva**  
UNI - IBMR/RJ

**Prof<sup>a</sup>. Denise Berruezo Portinari**  
Coordenadora Setorial de Pós-Graduação  
e Pesquisa do Centro de Teologia  
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 22 de março de 2016.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

### **Roberta Corrêa Lanzetta**

Graduou-se em Psicologia pelo IBMR (Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação), em 2013. Possui experiência profissional na área de Psicologia Clínica e atua como Psicóloga Clínica em consultório particular.

#### Ficha Catalográfica

Lanzetta, Roberta Corrêa

Apoios comprados : formas contemporâneas de suporte à maternagem / Roberta Corrêa Lanzetta ; orientadora: Maria Inês Garcia de Freitas Bittencourt. – 2016.

82 f. : il. (color.) ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2016.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Maternidade. 3. Pós modernidade. 4. Incerteza. 5. Sociedade de consumo. I. Bittencourt, Maria Inês Garcia de Freitas. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD:150

À Hilda Lanzetta,  
por ser uma avó *suficientemente boa*, alicerce dos meus  
desejos, sendo fundamental para que um dia eu pudesse  
chegar até aqui.

## Agradecimentos

À minha querida orientadora, professora Maria Inês Bittencourt, por acolher e acreditar nesse trabalho, por sua disponibilidade e olhar e por suas preciosas contribuições.

Ao professor Carlos Eduardo Veiga por inspirar minha carreira acadêmica e aceitar participar da banca de defesa desse trabalho.

À Joana Vilhena Novaes por gentilmente aceitar fazer parte da banca de defesa dessa dissertação.

À Bruna Madureira pelo apoio e incentivo fundamentais para que essa trajetória fosse vivenciada de forma leve e prazerosa.

À Vanuza Postigo pela disponibilidade, acolhimento e escuta fundamentais à minha criatividade.

À minha família, responsável pelo que sou, especialmente ao Leonardo Lanzetta, pelo apoio e investimento nos meus sonhos.

Aos amigos que estiveram sempre presentes de forma afetuosa e entenderam minha ausência em determinadas ocasiões.

A João Pedro, pelo amor, dedicação e paciência que me motivam a ser melhor a cada dia.

Às queridas amigas Polyanna Mendes, Gabriela Mexias, Joana Dantas e Fernanda Palermo por compartilharem as angústias, questionamentos e conquistas durante meu percurso acadêmico.

Às famílias que gentilmente aceitaram participar desse estudo, compartilhando esse momento singular, íntimo e amoroso.

À CAPES pelo apoio financeiro que possibilitou o desenvolvimento dessa pesquisa.

## Resumo

Lanzetta, Roberta Corrêa; Bittencourt, Maria Inês Garcia de Freitas (orientadora). **Apoios comprados: formas contemporâneas de suporte à maternagem.** Rio de Janeiro, 2016. 82p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O Objetivo desse trabalho é analisar, através de um estudo teórico e de uma pesquisa de campo, os possíveis atravessamentos da cultura contemporânea, com ênfase nas questões da eficiência e do consumo, na construção das primeiras relações mãe-bebê e suas repercussões nas práticas de maternagem. Buscou-se para isso apoio na Psicanálise, na História e na Sociologia. Diversos aspectos estão envolvidos nas expectativas atuais diante da maternidade relacionados com sentimentos de insegurança e incerteza presentes no mundo em que vivemos, onde a vida é marcada pela incerteza, instabilidade e fluidez dos valores. O sujeito contemporâneo por conta disso acredita precisar de especialistas para respaldá-lo nos mais diversos aspectos. As inseguranças presentes na situação da maternidade, em especial no caso do primeiro filho, são aqui colocadas em relevo, problematizando a busca de apoios disponibilizados por um mercado que hoje propõe respostas em forma de cursos, manuais e diversos outros produtos a serem consumidos.

## Palavras-chave

Maternidade; Pós modernidade; Incerteza; Sociedade de consumo

## Abstract

Lanzetta, Roberta Corrêa; Bittencourt, Maria Inês Garcia de Freitas (advisor). **Purchased support: contemporary assistance for motherhood.** Rio de Janeiro, 2016. 82p. MSc. Dissertation – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This work aims to analyze, through a theoretical study and field research, the possible influences of contemporary culture, with an emphasis on issues of efficiency and consumption, in the process of building the relationship between mother and baby and their repercussions of maternal practices. For that, a support on Psychoanalysis, History and Sociology was explored. A variety of aspects are involved in nowadays expectations on maternity. Feelings of insecurity and uncertainty are present in the contemporary world, where life is dictated by uncertainty, instability and fluidity of values. Due to that, contemporary subjects often believe they need specialists to back them up in many different areas. The insecurities present in maternity, especially when it comes to firstborns, are here highlighted, questioning the search of support made available by a market that today proposes answers in form of courses, textbooks and many other products to be consumed.

## Keywords

Motherhood; Post-modernity; Incertitude; Consumer society

## Sumário

Introdução.....	10
1 A maternidade através da história.....	13
1.1 As transformações familiares.....	13
1.2 As transformações da maternagem.....	16
1.3 Uma concepção contemporânea da maternidade: Winnicott.....	24
2 A liquidez pós-moderna.....	36
3 Conhecendo e escutando futuras mães.....	51
3.1 Metodologia.....	51
3.1.2 Sujeitos.....	51
3.1.3 Cuidados éticos.....	52
3.1.4 Instrumentos.....	53
3.1.5 Análise de dados.....	54
3.2 Resultados e discussão.....	54
3.2.1 As motivações para buscar o curso.....	56
3.2.2 Ser uma boa mãe.....	58
3.2.3 Apoios.....	62
3.2.4 Doutrinas x Sensibilidade / Receitas Prontas.....	66
3.3.5 Consumo.....	68
4 Considerações finais.....	71
Referências Bibliográficas.....	76
Anexos.....	80



## Introdução

Ao longo da minha trajetória tanto clínica como acadêmica, interessei-me por temáticas relacionadas à família e às transformações no contexto histórico-social. Ao realizar um trabalho em uma creche voltada para o desenvolvimento infantil, pude entrar em contato com a “realidade” de algumas mães residentes da zona sul carioca e interessei-me por conhecer algumas das “novidades” contemporâneas à respeito do tema. Foi assim que passei a inteirar-me em relação à uma “moda” contemporânea: os cursos para casais grávidos.

Os modelos tradicionais tanto de família quanto de maternidade passaram por uma série de transformações, que trabalharemos nos capítulos a seguir; porém, nos dias de hoje, vivemos uma coexistência de padrões. A mulher contemporânea já não é a mesma que existia décadas atrás, mas pode conviver ou ter convivido com os valores anteriormente vigentes. A grande questão contemporânea é a de que as referências e os alicerces de hoje já não são os mesmos de outrora, além disso, é impossível ignorar a sua influência transmitida através das gerações. Sendo assim, a mulher dos séculos anteriores buscava e recebia apoio de instituições como a Igreja e a Família, enquanto a de hoje repalda-se no mercado e nos ideais contemporâneos de eficiência, rapidez e sucesso e que, por isso, é marcada por conflitos e incertezas.

Diante desse mais novo cenário, surge a indagação: o que as mães contemporâneas buscam em “cursos” ou serviços, que se dispõem a ensinar técnicas de maternagem?

Podemos pensar diversos aspectos envolvidos na busca de um curso para casais grávidos nos dias de hoje; para nos aprofundarmos na questão resolvemos priorizar dois deles, a saber: as transformações familiares e os sentimentos de insegurança e incerteza presentes na sociedade contemporânea em que vivemos. Sendo assim, ao longo do primeiro capítulo analisaremos a maternidade através da história, a partir de um retrocesso referente às transformações familiares, que por

sua vez influenciaram mudanças na maternagem. Para tal propósito teremos como base os pensamentos de autores como Ariès, Badinter e Winnicott.

No segundo capítulo elaboramos um contraponto no que diz respeito às características ditas modernas e as contemporâneas, denominadas por alguns autores como pós-modernas, hipermodernas ou líquidas. Essas têm influência sobre o modo de ser e viver dos indivíduos. Independente da nomenclatura adotada, autores que estudam esse período concordam que vivemos uma época de supremacia tecnocientífica, onde há uma busca incessante por resultados e eficiência. Os ideais consumistas presentes nos dias de hoje têm influência relevante na formação de identidade dos indivíduos.

A incerteza é a marca dos que vivem em um mundo instável, fluído e em constante movimento. O sujeito contemporâneo tem que dar conta de atualizar-se e qualificar-se constantemente, e por conta da efemeridade dos tempos pós modernos, os sujeitos acreditam precisar de um especialista para respaldá-los nos mais diversos aspectos.

É essencial deixar claro aos pais que a proposta abarca um estudo acerca de um contexto social específico (classes média e média alta), cujo objetivo é observar e analisar as pressões que sofrem relacionadas ao desempenho, sucesso ou insucesso da maternidade/paternidade. Pensando sobre a questão, podemos nos perguntar sobre como tais valores podem influenciar a relação de pais e filhos nos dias de hoje.

Mizrahi (2004) pontua como o mundo do consumo e dos serviços passa a interferir na relação pais e filhos, fazendo que estes se sintam inseguros em relação a sua forma de cuidar, que sabemos ser singular e de suma importância para o desenvolvimento saudável do indivíduo.

Determinadas questões passam a existir a partir do momento que certas mulheres descobrem estar grávidas. Algumas passam a questionar sua capacidade e a de seus parceiros para exercer a parentalidade e pensam: Será que eu vou cuidar certo do bebê? Como fazer para dar banho? É difícil trocar fraldas? Amamentar dói?

Em busca de soluções para tais questionamentos torna-se cada vez maior em determinados segmentos do contexto social contemporâneo o número de pessoas que procuram por ajuda em algum curso para gestantes. A proposta desses cursos é “ensinar”, esclarecer e tirar dúvidas a respeito de diversos aspectos tanto da gravidez como da maternidade e dos cuidados com o bebê.

Seria possível construir um manual para aliviar essa angústia? A maternagem pode ser aprendida? O que é ser uma boa mãe?

Ao longo do terceiro capítulo buscamos elucidar algumas questões com base em nossa pesquisa qualitativa, realizada através da colaboração de 7 gestantes que procuraram um curso para casais grávidos e pertencem à classe média/alta da cidade do Rio de Janeiro. Desse modo, neste capítulo encontramos categorias temáticas extraídas a partir do discurso de nossas entrevistadas e a análise das falas, respaldadas na fundamentação teórica exposta nos primeiros capítulos.

# 1

## A maternidade através da história

Nesse primeiro capítulo, pretendemos traçar um panorama referente ao percurso histórico que possibilitou diversas transformações das relações familiares em consonância com as modificações nos âmbitos econômico, social e cultural. Iremos nos deter mais especificamente no que se refere à maternagem, e para tal objetivo, usaremos contribuições de autores como Philippe Ariès (1978), Elisabeth Roudinesco (2003) e Elisabeth Badinter (1985). Sobre a visão contemporânea das funções parentais no campo psicanalítico, tomaremos como base a teoria de D.Winnicott acerca da importância das primeiras relações no desenvolvimento da criança.

### 1.1

#### As transformações familiares

O modelo de família que predominou durante um longo período da modernidade vem sofrendo alterações na contemporaneidade. Juntamente com as famílias nucleares, que constituem o modelo familiar tradicional, novos arranjos familiares podem ser observados. Alguns fatores foram fundamentais para essas mudanças, tais como o surgimento do sentimento de infância, os ideais de amor romântico e, em particular, a emancipação feminina.

É importante lembrar que o modelo considerado hoje tradicional, constituído por pai, mãe e filhos nem sempre existiu. Historiadores como Ariès (1978), Badinter (1985) e Roudinesco (2003) fizeram incursões no campo das relações existentes dentro da família nuclear atual e a compararam com o que teriam sido as mesmas relações familiares no passado.

Segundo Ariès (1978), a família transformou-se profundamente a partir do momento em que modificou suas relações internas com a criança. Este autor propôs o estudo da história social da criança e da família baseado em diversas

fontes como documentos escritos e iconografia. Assim, até o fim da Idade Média não existiu no Ocidente o sentimento de infância, ou seja, não havia consciência da especificidade infantil. As crianças até o século XVII eram consideradas qualitativamente iguais aos adultos e a única distinção relacionava-se ao aspecto físico, por serem menores e mais fracas. Em decorrência desse padrão, a família não alimentava um sentimento profundo entre pais e filhos. Nessa época, a família seria uma realidade social e moral, mais do que sentimental.

Badinter (1985) questiona, porém, o pensamento de autores como Ariès, que justificavam o desinteresse pela criança e a falta do sentimento de ternura e intimidade entre pais e filhos em função do fato de naquela época as taxas de mortalidade infantil serem altíssimas. Assim sendo, os pais não se apegariam aos filhos por conta das suas poucas possibilidades de sobreviver. A filósofa francesa inverte essa lógica, propondo um outro ponto de vista: a falta de apego relacionada às crianças se tornaria a justificativa para a não sobrevivência.

Com o advento da Modernidade, entretanto, a realidade social e o sentimento de família começam a se transformar.

A partir do século XVIII, a família urbana estabelece um caráter mais particular. O conforto surge junto com a noção de intimidade, passando-se então, a delinear com mais clareza a esfera pública e a privada. Como consequência, a família se reduz aos pais e às crianças, excluindo, criados, amigos e clientes. Neste período, inicia-se uma revolução no que tange à afetividade, que passa a concentrar-se no interior familiar, inclusive com repercussões na estrutura arquitetônica das próprias moradias. O indivíduo de classe média, assim como o burguês abastado, dividirá sua vida em dois pólos: o trabalho e a família.

Em relação ao casamento, com o fato da individualidade feminina ser subordinada à masculina, a desigualdade fazia com que a livre escolha se aproximasse mais de um princípio do que uma prática em si. Contudo, ao longo do tempo e das sucessivas transformações de ordem econômica e social que ocorreram no século XX, quando a divisão dos papéis e funções foi redefinida, homens e mulheres passaram a ser considerados como iguais perante a lei, criando-se condições para que se manifestassem conflitos. Esse mais novo cenário contribui para o aumento do número de separações conjugais.

Roudinesco (2003) distingue a evolução da família em três momentos: tradicional, moderna e pós-moderna.. A família tradicional caracteriza-se pelo modelo de autoridade patriarcal, em que o casamento tinha como objetivo transmitir o patrimônio da família. Portanto, o casamento era a ligação de duas famílias para perpetuar a linhagem, assim como aumentar o poder político e o prestígio social das mesmas (Souza,1994). A família moderna, por sua vez, defini-se pelo amor romântico, pela reciprocidade afetiva e pela responsabilidade dos pais e do Estado em relação à criança. O modelo de família pós-moderno é marcado pela temporalidade das relações e possui como principais características a instabilidade e a incerteza, presentes na vida de dois indivíduos que buscam relações íntimas e realização sexual.

A respeito das temáticas casamento, maternidade e cuidados infantis, Badinter (1985) ressalta que chamado modelo tradicional, cujo principal atributo é a autoridade patriarcal, o homem era visto como superior em relação à mulher e, conseqüentemente, em relação à criança. Essa diferença era percebida como intrínseca à natureza do ser humano e a mesma habilitava o marido a ter uma autoridade em relação a sua esposa e aos seus filhos.

No cenário descrito, o homem ocupava um lugar central na família e cabia à sua esposa, juntamente com seus filhos, a condição de submissão perante o marido/pai que representava a autoridade. Dado que os casamentos eram realizados por contrato, ou seja, para manter e perpetuar uma certa linhagem baseada em condições econômicas, bem como nas alianças políticas de uma família, como já mencionado anteriormente, a afetividade, o amor ou qualquer manifestação de ternura entre o casal não só era inibida como também considerada desnecessária para um casamento de sucesso.

A partir do momento em que a ideia de felicidade tornou-se importante para a formação do casal e da família, ainda que houvesse diferenças em relação aos papéis masculino e feminino, o entendimento social acerca da representação do que é família e infância modificou-se, tendo como consequência transformações nas relações tanto do casal quando desses em relação aos seus filhos.

Com o decorrer do tempo, e a mudança de valores, ocorrida principalmente a partir da segunda metade do século XX, em contraponto à antiga segurança representada pelo casamento, a família contemporânea tem como característica a instabilidade, a incerteza de dois indivíduos que buscam relações íntimas, realização sexual e pessoal. É a família marcada pela temporalidade das relações. Para a mulher contemporânea, o trabalho não é apenas uma necessidade, mas uma fonte de realização pessoal e financeira, e os filhos passam a constituir-se enquanto uma possibilidade de escolha com o advento dos anticoncepcionais. (Roudinesco, 2003).

Em função disto, enfocaremos a seguir as mudanças que permitiram a mulher contemporânea alcançar esse “direito”.

## 1.2

### **As transformações da maternagem**

Juntamente com as transformações familiares que ocorreram ao longo dos séculos, podemos pensar as mudanças surgidas no que diz respeito à maternagem associando-as às transformações sociais. Elisabeth Badinter (1985), em seu livro *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, propõe que façamos um retrocesso histórico para que possamos compreender o que possibilitou que chegássemos a ideia de maternagem associada à ternura que encontramos nos dias atuais. Esse estudo destaca as diferentes formas do “cuidar” associadas à maternidade.

Sendo assim, a primeira questão que a autora francesa problematiza diz respeito ao amor materno ser considerado um instinto. Poderíamos falar em termos de instinto? Lembremos que instinto diz respeito à uma tendência inata e comum aos indivíduos. De acordo com essa perspectiva estaríamos dizendo que a maternagem está intrínseca ao comportamento feminino. Um outro ponto de vista seria pensar se o amor materno seria variável de acordo com questões relacionadas ao período histórico, como os costumes, interesses econômicos e sociais ou, ainda, como qualquer outro sentimento, possuindo variações de

intensidade e mostrando-se frágil e imperfeito e, além disso, podendo ou não existir.

Podemos utilizar como exemplo as contribuições do sociólogo britânico Anthony Giddens (1992) que, em seu livro denominado *Transformação da intimidade*, realiza um estudo acerca do amor romântico, que pode parecer um tanto naturalizado, embora não seja. O autor demonstra, através de sua pesquisa, que esse sentimento pôde surgir a partir de determinadas questões sociais, como por exemplo a associação do afeto e do amor ao casamento, pouco importante na época dita tradicional.

Como já mencionado anteriormente, o sentimento em relação à especificidade infantil é muito recente se pensarmos historicamente, sendo necessária uma longa evolução para que ele passasse a fazer parte de uma mentalidade.

As crianças eram desqualificadas enquanto pessoas pelos adultos, que as consideravam como brinquedos, usavam-nas como bonecas em função do seu próprio divertimento por considerá-las engraçadas, ingênuas e divertidas. Essa imagem em relação à infância explica, de certa forma, o fato de a medicina não possuir nenhum estudo ou cuidado específico referente ao universo infantil. A pediatria, por exemplo, surge apenas somente no século XIX.

Muitas mulheres recusavam-se a amamentar os filhos e existia uma série de argumentos para tal atitude, para que possamos compreender o comportamento de rejeição delas, é preciso lembrar que nesse período as tarefas maternas não eram valorizadas pela sociedade, até vistas como algo vulgar. Sendo assim, a seguir tentaremos explicitar alguns argumentos usados na época para justificar a recusa a amamentação.

Mulheres das classes dominantes acreditavam que a amamentação poderia afetar sua beleza, estragar o corpo e deformar seus seios. Muitas mulheres mais abastadas financeiramente acreditavam ser indigno amamentar seus próprios filhos. Por isso, rapidamente esse ato tornou-se uma forma de distinção entre as damas das altas classes e as demais.

Nas classes ricas, os cuidados com a criança atrapalhavam não só a vida conjugal, como também tornavam-se um impedimento em relação aos prazeres e a vida mundana da mulher, que consistia em receber e visitar amigas, ir ao teatro ou à ópera, comprar e mostrar um vestido novo, dentre outros. Assim sendo, ocupar-se de uma criança era visto como algo maçante, desagradável e deselegante, fazendo com que a família optasse por confiar a criança aos cuidados de uma ama de leite. Essas práticas, por sua vez, tornaram-se exemplo para as pequenoburguesas que, embora estivessem pouco sujeitas às mundanidades, queriam copiar as mais favorecidas.

O sexo masculino tinha grande responsabilidade na recusa à amamentação feminina, já que alguns demonstravam aversão em relação a mulher que amamenta por conta do seu cheiro de leite e, outros, ainda queixavam-se da amamentação, pois consideravam-na um empecilho ao exercício da sua sexualidade e do seu prazer.

Além disso, existia a falsa ideia de que o esperma estragaria o leite e, a propagação dessa informação, fazia com que o homem contivesse seu prazer por um longo período.

Durante um longo período foi possível para as classes mais abastadas livrar-se da tarefa de cuidar dos filhos utilizando-se de um argumento cujo valor é moral e intelectual: o de que seria para o bem da própria criança. Somente ao final do século XVIII a imagem criada à respeito da mãe começou a se modificar, embora, na prática, os comportamentos só começassem a se alterar posteriormente. Para Badinter (1985), é a partir de 1760 que passa a ser disseminado, através de publicações, o discurso no qual existe um instinto materno e, com isso, de que toda mãe possuiria um amor espontâneo pelo seu filho. Sendo assim, é indicado que as mulheres cuidem dos seus filhos e que, com isso, passem a amamentá-los.

Por trás desse discurso está a preocupação do Estado com a sobrevivência dos bebês, estendendo-se esta preocupação às classes trabalhadoras; a Revolução Industrial demandava cada vez maior mão de obra e era preciso velar sobre a saúde dos futuros operários; por isso, uma série de profissionais esteve envolta na tarefa de fazer com que as mulheres se voltassem para a maternagem.

Três discursos foram popularizados no sentido da mulher reconhecer o amor materno: o discurso econômico, o filosófico e um discurso exclusivamente direcionado às mulheres.

O discurso econômico passa a existir devido ao fato de que, a partir do século XVIII, a criança adquire um valor de mercado, já que a população passa a ser vista como importante para o desenvolvimento do país, não só por produzir bens, mas também por reforçar o seu poder militar. Com isso, toda perda humana torna-se um desperdício à nação, o que faz com que a criança saia da posição anterior de fardo e passe, agora, para um investimento baseado na força de produção que representará no futuro.

O discurso econômico não seria por si só o bastante para modificar os costumes, associado a ele, surgiu o discurso filosófico a partir dos ideais iluministas, de igualdade, felicidade e amor, que afetavam homens e mulheres daquela época. Os ideais de amor e felicidade individual modificaram o comportamento do homem em relação à sua esposa, a partir de agora o casamento realizava-se por amor, e como consequência os homens desejavam que suas esposas fossem companheiras e cuidassem não só da casa, mas também dos filhos.

A nova concepção de casamento, agora baseada no amor, gerou a necessidade de educar esta nova mulher para que ela pudesse pensar sozinha e, pela primeira vez, escolher o seu futuro marido. Esse novo modelo de casamento será baseado na felicidade, na alegria e na ternura e o ápice dessa relação será a procriação.

A partir daí, a maternidade é exaltada, passando da ordem do dever para o desejo. A partir desta perspectiva inovadora, a mãe passará a amamentar o próprio filho de forma prazerosa e receberá em troca sua ternura. Cada vez mais, os pais se sentirão responsáveis pela felicidade dos seus filhos.

Surge, então, um terceiro discurso, voltado especificamente para a mulher, de modo a influenciá-la através de argumentos e sermões com a finalidade de fazê-la cumprir seu respectivo papel materno. Esse discurso baseia-se na natureza e na divindade como argumento para a amamentação, bem como elogios acerca da

beleza da mulher nesse período, e no quão agradável seria o ato de zelar pelos filhos.

Desse ponto de vista, como mostra Badinter (1985), as doçuras da maternidade são interminavelmente enaltecidas, que deixa de ser um dever imposto para se converter na atividade mais invejável e mais doce que uma mulher possa esperar. Afirma-se, como fato incontestável, que a nova mãe amamentará o filho pelo seu próprio prazer e que receberá como prenda uma ternura infinita.

Progressivamente, os pais passam a se considerar cada vez mais responsáveis pela felicidade e infelicidade dos filhos e, a família, a ser uma unidade afetiva, passando então a existir a família moderna.

A principal transformação no que se refere à maternidade é, sem dúvida, o ato da mulher a amamentar o próprio filho. As trocas afetivas entre mãe e bebê ganham novo valor, possibilitadas por meio de carinhos físicos. Como consequência dessa nova relação de afeto, a criança torna-se o principal objeto de preocupação dos pais e, deste modo, doenças da infância passam a ser causa da aflição dos pais que buscam conselhos com os médicos de família para que seus filhos tenham uma vida saudável.

Exige-se, então, que a mulher não seja somente aquela quem gera e dá a luz ao bebê, mas que amante, eduque e lhe transmita os valores morais. Dessa maneira, o único ofício permitido à mulher desempenhar de forma honrosa será o de professora. Notamos que tanto o de mãe quando o de professora tem como objetivo formar uma menina para que um dia ela se torne boa mãe, boa educadora e professora.

De acordo com Badinter (1985), até meados do século XIX ainda não existia um comportamento unificado em relação à maternidade. Isso pode ser explicado de acordo com as diferenças sociais, já que as classes menos favorecidas foram as últimas a adotar esse novo estilo de vida pela necessidade de trabalhar, ainda enviando o filho a uma ama. Vale ressaltar que Badinter baseou seus estudos nos modos de vida europeu. No Brasil colônia, as mulheres mais

ricas e aristocráticas também mantinham a ama de leite, uma escrava denominada mãe preta.

Em relação às transformações da maternidade no contexto brasileiro, Moura & Araujo (2004) observam que o mesmo processo constatado na Europa se deu no Brasil, com a diferença de que em nosso país as transformações ocorreram na passagem da condição de colônia à de nação, o que significa que, algumas especificidades deram-se nesse contexto.

Somente a partir da ascensão da burguesia, no final do século XVIII, - no caso do Brasil se deu na condição de país colônia subitamente elevado à condição de sede do governo português - os sentimentos referentes aos cuidados e à maternidade tornaram-se presentes no ambiente familiar. A partir do deslocamento da família real, juntamente com a corte portuguesa, para o Rio de Janeiro, no início do século XIX, surge um intrigante interesse pelas cidades brasileiras por parte da administração portuguesa. As autoras apontam que:

*“Nesse movimento, promoveu-se uma “reeuropeização” dos costumes coloniais pela transposição, para o Brasil, de hábitos relativos a uma cultura gestada na Europa. Aliados à mulher e à criança, valorizando a “família amorosa”, durante o século XIX, os higienistas auxiliaram a família brasileira a assimilar novos valores, nuclearizando-se e urbanizando-se.” (MOURA E ARAÚJO, 2004, p.48)*

Assim, no Brasil, do mesmo modo como na Europa, a partir do final do século XIX, a chegada de um novo ser no seio da família foi vivida de uma maneira inovadora pelas mulheres. Como já mencionado anteriormente, a ausência de amor na relação com os filhos tornou-se moralmente inaceitável, o que fez com que algumas mães simulassem ser boas mães, quando, na verdade delegavam a sua função a terceiras, que realizavam os cuidados. A ama-seca, que hoje em dia poderíamos comparar à babá, tinha como responsabilidade alimentar, dar banho e levar para passear o infans, que, muitas vezes, era mais apegado à ama do que a sua própria mãe.

Nessa época, não se podia ter nenhum outro papel além da maternidade, que ocupava 24 horas dos 365 dias da mulher, tornando uma experiência complexa que, embora estivesse envolvida de alegria e de orgulho, por ser considerada importante e prestigiada por toda a toda sociedade - colocando a

mulher como honrosa e insubstituível -, também gerou, de forma inconsciente, um mal estar por fazer com que elas se sentissem culpadas e frustradas quando não desejavam desempenhar tal papel imposto socialmente.

Mesmo quando desejada, justamente pelo fato de ser complexa e pelas mulheres quererem aproximar-se do “modelo perfeito”, cumprindo com todas as exigências de forma satisfatória, a vida da mãe oscilava entre a felicidade, satisfação, a insatisfação e frustração, ainda observada atualmente.

Conforme a função materna se ampliava, frizava-se que a devoção fazia parte da natureza feminina, e que dela advinha a sua única felicidade. Ainda que a conseguisse desempenhar outra função além desta, como, por exemplo, a de professora, as mulheres ainda precisavam conciliá-la com as tarefas domésticas e familiares. Mesmo assim, a mulher que, frequentemente, não investisse integralmente o seu tempo nos cuidados com o filho – principalmente quando era por satisfação ou desejo como no caso das intelectuais – era considerada à margem da sociedade por “perder sua característica feminina”.

Paralelamente ao crescimento do valor da mãe, com o interesse do Estado sobre a criança, Badinter (1985) sublinha o surgimento de novas instituições que se propõem a substituir o pai, tais como o juiz, o professor, o educador, a assistente social e o médico psiquiatra. Cada um, em sua especificidade, ficaria responsável por algum aspecto anteriormente atribuído à função paterna. O aumento das responsabilidades femininas, já mencionadas anteriormente, tem como consequência o gradual enfraquecimento do papel do pai ao longo do tempo. A importância, e a autoridade atribuídas a ele outrora, já não se fazem presentes.

Algumas justificativas são legitimadas socialmente para a ausência paterna, como, por exemplo, a incapacidade masculina no tocante à educação física e moral dos filhos, a falta de tempo devido ao trabalho, o fato de não ser uma ligação tão “natural” quanto a mulher – afinal de contas o bebê foi gerado em seu ventre.

Podemos observar que a imagem de pai provedor e responsável por manter a família e seu conforto sobrevive até os dias atuais. O fato de investir muitas

horas do seu dia no trabalho para sustentar financeiramente o lar, faz com que o mesmo tenha seu valor reconhecido. Os cuidados com a casa e com os filhos não são cobrados, sendo apenas uma preocupação indireta, já que ainda está presente no imaginário coletivo a ideia de que a formação de uma criança é responsabilidade exclusiva da mulher.

Neste contexto, a participação afetiva masculina na criação dos filhos seria menos importante, tornando-se até mesmo acessória. Somente com o acesso das mulheres às carreiras profissionais que, em determinada época foram exclusivamente masculinas, é que uma certa igualdade é estabelecida e o valor do papel paterno passa a ser alvo de questionamentos. Surge a manifestação de um desejo por parte das mulheres de que os homens, anteriormente vistos como apenas colaboradores, passem a compartilhar do amor pelos filhos e dos sacrifícios que envolvem à criação dos mesmos, deixando de lado o imaginário que certas atribuições são especificamente maternas.

No que se refere ao Brasil, pesquisas recentes (Barbosa & Rocha-Coutinho 2007; Rocha-Coutinho 2003, 2004; Jablonski, 2010) apontam que o trabalho feminino, com o passar dos anos, transforma-se em uma fonte de satisfação, realização, assim como um meio de desenvolver e afirmar a personalidade da mulher. Cada vez mais elas escolhem trabalhar de forma voluntária fora de casa. E, à medida que se qualificam, aumentam seu nível de instrução, o que possibilita assumir posições profissionais importantes. Quanto maior é a possibilidade no ambiente profissional, menor o tempo para se dedicarem às tarefas domésticas.

Surge o desejo de partilhar com o conjuge as responsabilidades tanto da casa quanto da criação dos filhos. Pesquisas (Barbosa & Rocha-Coutinho 2007; Brasileiro, Jablonski, & Féres-Carneiro, 2002; Rocha-Coutinho 2003, 2004; Jablonski, 1988, 1996, 2001, 2003, 2010) apontam que, mesmo trabalhando fora, a maior parte das tarefas domésticas e parentais ainda ficam sob a responsabilidade feminina, que abrem mão de seu tempo destinado ao lazer para as atividades do lar. As mães contemporâneas possuem uma dupla jornada de trabalho, que gera insatisfações na medida que é desigualmente partilhada com o homem.

O que observamos no quesito divisão de tarefas - em certas classes sociais - é que eles ajudam as mulheres em afazeres que, tradicionalmente, continuam a ser encargos considerados femininos. E o mais curioso é que em pleno século XXI homens e mulheres consideram normal.

Ainda de acordo com tais pesquisas, já é possível observar atualmente um desejo do homem em participar tanto da gravidez quanto das tarefas da maternagem que, em outros tempos, foram reservadas exclusivamente a ela. Este novo pai compartilha as alegrias em relação ao nascimento do bebê e as mulheres, por sua vez, desejam que seus companheiros compartilhem não só os prazeres como também dos afazeres, das angústias e os sacrifícios da maternagem. O papel da mãe, contudo continua sendo considerado como preponderante, principalmente nos primeiros tempos de vida da criança.

### 1.3

#### **Uma concepção contemporânea da maternidade: Winnicott**

Donald Winnicott, psicanalista inglês, tinha como principal área de atuação o campo da pediatria. Devido ao seu trabalho como pediatra infantil em um hospital londrino, ao entrar para Sociedade de Psicanálise Britânica, tinha vasta experiência profissional com mães e bebês. Seu objeto de estudo e pesquisa era observar e acompanhar a relação de muitas mães com os seus bebês.

A partir de sua experiência, construiu uma teoria do desenvolvimento emocional primitivo (1956/2000), dando ênfase à elementos da relação mãe-bebê, indispensáveis para o amadurecimento do ser humano, dentro de um determinado contexto de provisão e cuidado materno. Neste percurso, fundamentou o processo de diferenciação do bebê em relação ao mundo externo, partindo da dependência absoluta, passando pela dependência relativa em direção à independência que, por sua vez, jamais se torna absoluta (1993/2011). Partindo do estado inicial em que o bebê encontra-se fusionado ao ambiente - isto é, totalmente indiferenciado - até o reconhecimento da externalidade, possibilitando o relacionamento entre pessoas totais.

Desta maneira, não há como o bebê existir sem os cuidados maternos, sendo esta premissa o ponto nodal da teoria do desenvolvimento emocional primitivo e o que confere a Winnicott um de seus diferenciais quando comparado a outros autores.

A literatura psicanalítica, de forma geral, reconhece a imaturidade biológica do ser humano, em seu nascimento estando em um estado de desamparo tanto biológico quanto psíquico. Sendo assim, trata-se de uma fase na qual existe uma total dependência dos cuidados do outro. Em relação à prática do cuidado, a psicanálise reconhece e alerta sobre o tipo, a natureza e a qualidade do mesmo em relação à constituição psíquica do ser humano.

Laplanche e Pontalis (2001) corroboram essa temática ao afirmar que a mãe “influencia assim de forma decisiva a estruturação do psiquismo, destinado a constituir-se inteiramente na relação com outrem”. Essa relação assinala a supremacia materna no início da vida de um bebê.

Sabemos da importância da mãe na formação do sujeito, como podemos observar também através das contribuições de Piera Aulagnier (1889;1990) e Françoise Dolto (1984), quando ambas afirmam que se não há algo que precede o bebê, alguém que o deseje e diga o que dele espera, ele não se tornará um sujeito.

Na verdade, é o bebê fantasiado e desejado pela mãe, que irá permitir ao bebê real ter as pistas para que ele possa se constituir uma vez que é papel fundamental da mãe, dar sentido aos impulsos do recém-nascido, metabolizando e simbolizando cada um.

Segundo as psicanalistas, é a partir desse saber, ou desses entendimentos sobre o bebê, que a mãe lhe oferece um lugar, envolto em sua história pessoal para que o mesmo forme a sua própria história. Para Donald Winnicott (1956/2000), a maternagem é elemento fundamental para a constituição da subjetividade da criança.

Acerca dessa temática Serge Lebovici (1987) em seu livro *O bebê, a mãe e o psicanalista* afirma que o desejo da maternidade não se dá a partir do momento em que se decide ter um filho. Ser mãe ou ser pai é anterior a este momento, pois corresponde a um desejo. Para alguns, uma pulsão universal aparece desde cedo

nas jovens e nos rapazes. As fantasias que nascem e vivem a propósito da maternidade dependem do nível de desenvolvimento e da sexualidade infantil.

A realidade interna da mãe, isto é, seu inconsciente constitui o primeiro mundo que é oferecido ao bebê, que corresponde às suas fantasias e as modalidades de seus investimentos libidinais e narcísicos, assim como as do pai da criança e dos avós. Ao denominar e separar os estados afetivos de seu bebê, a mãe lhe dá um sentido. Dessa forma, poderíamos descrever o que chamamos identificações primárias.

A criança, enquanto objeto de estudo da psicanálise, é descrita através dos laços de afeto que a engendram e deixam marcas no seu corpo. São marcas e laços que crescem graças aos cuidados maternos e ao apoio de seus desejos sobre a satisfação de suas necessidades.

No início da vida, o bebê encontra-se em um estado de desamparo que é configurado pelo fato de um lado existir uma aparelhagem biológica inata e, por outro, uma exposição dessa aparelhagem de forma prematura aos estímulos do mundo externo e interno.

Winnicott, ao discorrer sobre os momentos iniciais do desenvolvimento, afirma que, em um primeiro momento, o adulto cuidador é uma extensão dos ritmos da criança em relação aos aspectos corporais e psicológicos. É justamente nesse momento inicial, tão fundamental para a constituição do sujeito, que surge o interesse pelo estudo da *preocupação materna primária*, termo formulado pelo psicanalista inglês que diz respeito a um estado de sensibilização que aparece na mulher nas últimas semanas de gestação e perpetua-se até os primeiros meses do nascimento do bebê - como forma de elaboração ao exercício da função materna - que tem como característica o investimento e foco de sua atenção voltado em todos os aspectos para o bebê, tornando-se sensível às necessidades do mesmo.

Como descreveu Winnicott, a *preocupação materna primária* possibilita que o bebê caminhe em direção ao seu desenvolvimento, destacando o ser através da unidade mãe-bebê, que irá constituir-se a partir de uma sustentação e um manejo geral materno desde a gestação. Para poder exercer o suporte nesse estágio, a mãe se adapta sensivelmente às necessidades de seu filho respeitando o

ritmo próprio do bebê para que seja possível colocar-se no lugar do mesmo e corresponder às suas necessidades. Somente na medida em que ele se desenvolve rumo à independência, o suporte pode ser retirado de forma gradual e sutil.

Dias (2014) assinala que:

*“A principal dificuldade de as mães se permitirem seguir o ritmo dos bebês decorre de que pesa sobre elas a responsabilidade de estar criando um filho, e elas aceitam prontamente as regras de marcação do tempo, os regulamentos e prescrições médicas que tornam a vida menos arriscada, ainda que um tanto monótona.” (p.192)*

A responsabilidade materna pode, muitas vezes, se transformar em um grande fardo, na criação dos filhos. Entretanto, o pai também pode sofrer, tanto quanto a mãe, de ansiedades perante essa tarefa. Dúvidas sobre a capacidade de criar uma criança saudável inevitavelmente surgirão.

Sendo assim, para os pais pode parecer mais fácil recorrer aos manuais, regulamentos e regras por medo de não conseguirem assistir adequadamente seus filhos. Acreditamos que médicos, enfermeiras, e demais especialistas relacionados a esse momento, são de suma importância no que concerne às questões físicas, orgânicas e biológicas, mas no que diz respeito ao cuidado, devemos fortalecer a confiança dos pais e, inicialmente, da mulher em si mesma, na capacidade que possui de sentir e intuir sensivelmente o que seu bebê necessita.

Seus conhecimentos não precisam, necessariamente, surgir de forma intelectualizada. A sabedoria deve vir de um nível mais profundo, que será proporcionado através da sutil e delicada relação que se estabelecerá entre ela e o seu filho. Isso significa que a mãe aprenderá sobre bebês com o seu próprio bebê.

De acordo com Winnicott (1988/2013), o conhecimento da mãe em relação às necessidades do bebê não se dá de forma intelectual, essa compreensão se dá em níveis mais profundos e subjetivos que permitem à mãe *suficientemente boa* indentificar-se com o bebê.

Para este autor, o surgimento da subjetividade está situado no âmbito da relação mãe-bebê. Ainda que, para um observador externo pareçam existir duas pessoas diferenciadas, o par mãe-bebê vive um momento de fusão. Sendo assim,

mãe e bebê são um só - na medida em que o bebê ainda não tem capacidade de se diferenciar – o mesmo está ligado à mãe, que intui as suas necessidades.

Winnicott menciona que:

*A 'mãe' suficientemente boa (não necessariamente a própria mãe do bebê) é aquela que efetua uma adaptação ativa às necessidades do bebê, uma adaptação que diminui gradativamente, segundo a crescente capacidade deste em aquilatar o fracasso da adaptação e em tolerar os resultados da frustração. Naturalmente a própria mãe do bebê tem mais probabilidade de ser suficientemente boa do que alguma outra pessoa, já que essa adaptação ativa exige uma preocupação fácil e sem ressentimentos com determinado bebê; na verdade, o êxito no cuidado infantil depende da devoção, e não de "jeito" ou esclarecimento intelectual. (WINNICOTT, 1975, p. 25).*

Acerca desse tema, vale ressaltar que a mãe *suficientemente boa* não precisa ser necessariamente quem gerou o filho, mas aquela que possui aptidão de satisfazer às necessidades da criança.

Para o psicanalista inglês, a dedicação materna, tanto do ponto de vista físico (através do holding) como psicológico (através da relação empática e da adaptação sensível às necessidades do bebê), funciona como uma espécie de membrana protetora que viabiliza o isolamento primário, fundamental para que se articule um espaço psíquico.

Como vimos, as bases da saúde mental do indivíduo são estabelecidas nos estágios iniciais do desenvolvimento, e envolvem basicamente os processos de maturação, que são as tendências herdadas, e as condições ambientais necessárias para que eles se realizem.

Winnicott (1975), ao desenvolver o conceito de fenômeno transicional, propõe uma tese sobre a função dos pais ao afirmar que:

*"Nas primeiras fases do desenvolvimento emocional do bebê humano, um papel vital é desempenhado pelo meio ambiente, que, de fato, o bebê ainda não separou de si mesmo. Gradativamente a separação entre o não-eu e o eu se efetua, e seu ritmo varia de acordo com o bebê e com o meio ambiente. As modificações principais realizam-se quanto à separação da mãe como aspecto ambiental percebido. Se ninguém ali está para ser mãe, a tarefa desenvolvimental do bebê torna-se infinitamente complicada" (p. 153).*

O autor enfatiza que, no princípio, o bebê não constitui uma unidade em si mesmo, pois depende da disponibilidade de um adulto genuinamente preocupado com os seus cuidados que possa contribuir para uma adaptação ativa e sensível às necessidades da criança que, à princípio, são absolutas. Portanto, a psique só pode ter origem dentro de um determinado enquadre, a partir do qual a criança pode gradualmente criar um meio ambiente pessoal, que a capacitará, mais tarde, de se desembaraçar do mesmo.

*“A importância da mãe é vital especialmente no início e, realmente, a mãe tem como tarefa proteger seu bebê de complicações que ele não pode entender ainda e fornecer, de maneira uniforme, o pedacinho simplificado de mundo que a criança, através dela, passa a conhecer”.*  
(WINNICOTT, 1956/2000, p.280)

É a função materna que garantirá a continuidade do sentimento de existir da criança e evitará a reação que resultará na dissociação, culminando com a organização de um falso *self*.

Desta forma, somente na presença de uma mãe *suficientemente boa* que a criança poderá iniciar o processo de desenvolvimento pessoal e real. A *mãe suficientemente boa* é flexível o suficiente para acompanhar o filho em suas necessidades, as quais oscilam e evoluem no percurso para a maturidade e a autonomia. Esta possui uma sensibilidade peculiar que a leva a poder sentir como se estivesse no lugar do bebê; é por esta via que responde às suas necessidades que são, inicialmente, corporais e, posteriormente, necessidades do ego.

Supostamente no início da vida as nossas necessidades são orgânicas, o que poderia levar a acreditar que, nos primeiros meses, basta que uma boa técnica de cuidados físicos seja aplicada. Porém, tais cuidados são de grande importância já que por mais que pareçam relacionados somente às necessidades físicas, são eles que o bebê pode contemplar e que preencherão necessidades psicológicas e emocionais. Inicialmente o cuidado físico investido de afeto é sinônimo de amor.

Embora a técnica materna possa ser ensinada e também estudada em livros, os cuidados maternos são únicos. Partindo da premissa de que um bebê não pode existir sozinho e que, para que passe a existir, seja necessário pertencer a uma relação, desempenhar os cuidados de forma intuitiva torna-se fundamental para que o vínculo seja estabelecido. Dessa maneira, por mais que aprendam a

trocar fralda, dar banho e amamentar, um livro, manual ou saber intelectual não dará conta da formação de um sujeito, pois, para que isso ocorra, o bebê precisa sentir que existe alguém envolvido amorosamente em seus cuidados.

Além disto, não existem duas crianças idênticas, assim como cada mãe possui as suas próprias características, por esse motivo o cuidador deve conhecer a criança e manter com ela uma relação viva e singular, ou seja, a aplicabilidade de conceitos e regras aprendidas teoricamente tornam a relação mecânica, monótona e robotizada, o que dificulta a criação de um solo propício para a intersubjetividade. Para que o recém-nascido cresça saudavelmente basta que o reconheçam humanamente, proporcionando uma estabilidade através dos cuidados que respeitem sua dinâmica, conseqüentemente proporcionando que ele sintase seguro.

A intersubjetividade e o cuidado são papéis centrais na concepção do sujeito. A tarefa de assistir um recém-nascido é intensa e contínua. Através do rico e permanente contato entre o lactente e a sua mãe é que uma relação de amor entre eles pode se constituir. São o prazer e o afeto presentes, ao realizar tais tarefas, que permitem ao bebê sentir-se amparado por alguém que o vê como um ser humano, em uma época em que ele é ainda incapaz de sentir-se integrado. É esse olhar que proporcionará as bases para a saúde mental da criança.

Segundo o autor, a mãe pode vir a falhar em satisfazer as exigências instintivas, mas pode ser perfeitamente bem sucedida em jamais deixar que o bebê se sinta desamparado, provendo as suas necessidades egóicas até o momento em que ele já possui introjetada uma mãe que apoia o ego e que tenha idade suficiente para manter essa introjeção apesar das falhas do ambiente a esse respeito. Quando o par mãe-bebê funciona bem o ego da criança é apoiado em todos os aspectos.

O  *Holding*  trata-se de uma posição específica onde a mãe, além de assumir o seu filho, retém, contém, sustém física e psiquicamente o bebê, sempre de forma constante e equilibrada. Cumpre ressaltar que uma expressão cheia de significação afetiva perde seu valor quando se torna uma fórmula.

À respeito do *holding*, acredita-se que um ambiente facilitador deva satisfazer as necessidades do bebê e também sustentá-lo. Esta sustentação é fundamental para que ele desenvolva uma sensação de continuidade adquirindo certas experiências para que seu Ego seja fortalecido.

Winnicott escreveu: “*Que vê o bebê quando ele olha o rosto da mãe?*” Nossa sugestão é: o que o bebê vê é ele mesmo. Em outras palavras, ao olhar o seu bebê, a imagem que ela fornece como resposta está ligada ao que ela vê diante dela. “*Assim, no desenvolvimento emocional do indivíduo, o precursor do espelho é o rosto da mãe*”, acrescenta Winnicott (1975).

Segundo o autor:

“*O primeiro espelho da criatura humana é o rosto da mãe: A sua expressão, o seu olhar, a sua voz. [...] É como se o bebê pensasse: Olho e sou visto, logo, existo.*” (WINNICOTT, 1975)

O termo cunhado por Winnicott (1956/2000), denominado *Preocupação materna primária*, caracteriza-se por um estado especial onde a sensibilidade da mulher está aumentada e a mãe torna-se capaz de identificar-se com seu bebê para proporcionar o que ele necessita. Esse momento de retraimento e esvaziamento da vida social refere-se a um estado especial - que poderia ser comparado a uma doença caso não ocorresse durante a gravidez - que as mães consideradas saudáveis vivenciam do período final da gravidez até os primeiros meses de vida do lactente com o objetivo de dedicar-se exclusivamente aos cuidados do bebê.

Segundo Dias (2014):

“*Essa aptidão vem da sua própria experiência de ter sido um bebê e de ter sido cuidada; ela guarda memórias corporais de conforto e segurança, além de experiências de intimidade pessoal.*”(p.131)

Ainda que os laços afetivos entre mãe e bebê pareçam surgir de forma tão natural, desde o período da gestação, para que esse estado de identificação da mulher com o filho possa ocorrer, e ela consiga realizar os cuidados essenciais

para que o mesmo tenha um desenvolvimento saudável, é necessário que haja um contexto que forneça a ela um suporte.

Foi tão enfatizada a importância do cuidado materno em relação ao lactente nos primeiros meses de vida, que pode passar despercebida a importância do pai nesse momento primordial. Winnicott (1964/2014) em seu livro *A criança e o seu mundo*, apresenta um texto denominado *E o pai?*, que traz reflexões sobre qual papel caberia ao homem nessa fase.

Diferente da mulher, historicamente o homem não foi criado pra envolver-se afetivamente com os filhos, já vimos anteriormente que a ele cabia a tarefa de sustentar o lar. Embora essa perspectiva tenha mudado, e continue em transformação, alguns pais permanecem tímidos em relação aos cuidados de seus bebês.

De acordo com o psicanalista britânico, as mães podem incentivar os maridos a ajudarem, mas para elas ainda existe uma linha tênue em relação à participação do homem, o que torna um pouco difícil saberem quando desejam a ajuda do seu marido e quando preferem que eles se afastem. Sendo assim, os pais são autorizados a entrar em cena somente quando as mulheres desejam. A partir da convocação delas, algumas tarefas podem ser compartilhadas, como, por exemplo, o banho do bebê, o qual pode passar a ser realizado na presença do pai ou, ainda, ser a sua responsabilidade.

Cabe ao pai permanecer vivo, conviver com os seus filhos e construir um relacionamento humano baseado no respeito à alteridade. Além disso, deve ajudar à mulher a sentir-se segura nesse momento. É fundamental que o casal possa compartilhar, em seu cotidiano, os detalhes referentes aos seus filhos para que, à medida que o bebê cresça, a riqueza dos detalhes aumente, tornando ainda mais profunda a relação entre o pai e a mãe.

Embora ainda não tenhamos no Brasil uma legislação que favoreça a permanência do homem por tempo integral com a esposa e o bebê durante os estágios iniciais do desenvolvimento infantil, é cada vez mais comum o pai poder e desejar estar presente quando o bebê nasce e, nos primeiros momentos de vida

deste, atitude que enriquece a relação familiar, proporcionando um suporte à mulher e conseqüentemente ao bebê.

De acordo com Boff (1999), o cuidar é mais que um ato, é uma atitude que envolve preocupação, responsabilidade e envolvimento afetivo com o outro. O teólogo brasileiro, em seu texto *Quem cuida do cuidador?* (2012), parte do princípio que faz parte da essência dos seres humanos serem seres de cuidado. Para o autor, possuímos tanto uma predisposição para cuidar quanto a necessidade de sermos cuidados, tornando assim o cuidador e o cuidado indissociáveis. Por esse motivo, segundo Boff, o cuidador só realiza essa atitude de forma plena se for muito bem cuidado por outrem. Caso contrário, a capacidade deste de cuidar torna-se enfraquecida.

A criança precisa de uma mãe que lhe mostre o mundo em pequenas doses, esteja sensível às suas necessidades e respeite sua singularidade, respeitando cada movimento espontâneo. No entanto, em certos momentos durante a vida, voltamos a essa condição de dependência. A maternidade é uma delas e, nesse período, mesmo que saudável e madura emocionalmente, a partir do parto e do nascimento de seu filho, a mulher torna-se vulnerável e encontra-se em um estado de muita sensibilidade. Por isso, é fundamental que a mulher possa contar com alguém que ela confie e que preste a ela a devida assistência, devoção, suporte e cuidado necessários nesse momento.

Fontes, Roxo & Kislavov (2014), narram o ponto de vista de um bebê em sua trajetória de vir a ser psiquicamente e corroboram essa ideia ao afirmar que o papel do pai deve ser destacado em relação a essa função. É ele que, inicialmente, deve fornecer apoio à mãe tanto física quanto psiquicamente para que ela possa sustentar o bebê. Por isso, é, um elemento fundamental. O cuidado materno transforma-se num cuidado oferecido por ambos os pais que, juntos, assumem a responsabilidade pelo bebê, bem como pela relação entre seus filhos.

De acordo com as autoras, o cuidado inicialmente ofertado pelos pais evolui para a família, que passa a possuir um significado mais amplo e incluir outros indivíduos como, por exemplo, avós, primos, tios que adquirem o status de parentes, seja por laços consanguíneos ou por possuírem um significado especial.

Faz parte da necessidade humana possuir um círculo afetivo cada vez maior proporcionando cuidado ao indivíduo; assim como é uma necessidade do indivíduo pertencer a um contexto em que possa oferecer uma contribuição criativa ou generosa. Podemos relacionar todos esses círculos, independente do tamanho e proporção que possuam ao colo, braços e cuidados iniciais recebidos através da maternagem.

Plastino (2009), ao discorrer sobre a dimensão constitutiva do cuidar, afirma que antes mesmo de ser uma ação, o cuidar caracteriza-se por uma atitude, que exprime a consideração pelo outro e por sua necessidade. Fazendo com que a ética seja uma condição necessária ao acontecer humano.

Somente um sujeito que tenha sido acolhido por uma atitude presidida pelo cuidado, pelo reconhecimento de sua singularidade e de suas necessidades, pode emergir enquanto sujeito, passando a reconhecer a singularidade e as necessidades dos outros. Dessa forma, o vir a ser do sujeito e o desenvolvimento de sua personalidade presume reconhecimento mútuo; é na relação fundante com o outro, no reconhecimento da alteridade e no pertencer a um coletivo que ela se dará. Tal dimensão ética que refere-se ao cuidar entra em contradição com os valores que regulam a vida contemporânea nos mais diversos aspectos, sejam eles: econômicos, políticos ou sociais.

Considerando-se os atravessamentos da cultura em diversos aspectos da vida, torna-se pertinente investigar o processo denominado *preocupação materna primária* – no qual a dignidade do lactente é priorizada – respeitando, assim, o seu ritmo em uma época na qual, os valores são líquidos, fluidos, voláteis, individualistas, onde as relações são frágeis e prevalecem os sentimentos de incerteza e insegurança (BAUMAN, 1998).

Na *modernidade líquida*, os imperativos do consumo estão presentes em diversos aspectos da vida, tendo como consequência para muitos indivíduos a troca do “ser” pelo “ter”, pautando a vida do sujeito em metas a serem atingidas, busca pelo sucesso, oferta de felicidade através do consumo, dentre outros. Nesse sentido, fico instigada a pesquisar os motivos que levam as mães contemporâneas a procurar serviços que se dispõem a ensinar técnicas de maternagem.

Na contemporaneidade, após o surgimento da pílula e a inserção feminina no mercado de trabalho, as mulheres passaram a alcançar posições no cenário econômico e profissional, tendo como consequência um acúmulo de funções pessoais e profissionais. As representações sociais do papel da mãe atualmente contrastam com o que ocorria em décadas anteriores, quando se tinha a visão de que a mulher era um sexo frágil, cujas atividades eram voltadas para o ambiente familiar, as chamadas donas de casa, cuja função primordial se referia ao cuidado com as crianças.

Diante desse novo cenário, a escolha pela maternidade vem acrescentar outros valores importantes na vida da mulher. Como dar conta desses múltiplos papéis? O que é ser uma *mãe suficientemente boa* na contemporaneidade?

## 2

### A liquidez pós-moderna

Ao estudarmos a família contemporânea observamos que as práticas e os sentimentos duradouros e estáveis perderam muito do seu embasamento social e cultural. Atualmente a fragmentação, a instabilidade e a incerteza fazem parte do cotidiano dos indivíduos marcando as formas de institucionalização do casamento e da família. Aspirações e projetos de vida diferentes foram propiciados pela expansão da individualidade de ambos os sexos. Criou-se uma coexistência de papéis públicos/privados propiciando conflitos em torno das atribuições de homens e mulheres no casamento.

De acordo com Bittencourt (2002), estipulou-se como pós-modernas não apenas as produções associadas a um movimento da cultura, que inclui fenômenos artísticos tais como arquitetura, música, arte, literatura e cinema, mas também fenômenos expressivos das mudanças na experiência que ocorreram nas últimas décadas do século XX. A vida cotidiana passou a conviver com a invasão da tecnologia e de seu conseqüente excesso de informações, produtos, serviços e diversões, as cidades configuradas de uma nova forma, a cultura de massa e a acentuação dos fenômenos de “compressão do espaço” e “aceleração do tempo” são alguns dos aspectos mais comuns presentes e constituintes da condição de vida globalizada.

Segundo a autora:

*“O fenômeno do consumo parece apresentar-se neste contexto como um recorte particularmente fértil para a compreensão de um campo social em que se destacam, na busca pelo sucesso, a importância da imagem, a valorização da representação, a ênfase no parecer.”* (Op. cit: p.15)

A partir de uma perspectiva psicológica, voltada para os efeitos do consumo sobre as subjetividades, podemos destacar a questão do prazer vinculado aos ideais e desejos presentes no imaginário social e que podem materializar-se em lugares especializados em produzir prazeres estéticos e excitações sensoriais,

como, por exemplo, as imagens da publicidade, ou a exposição das mercadorias nas vitrines. Dessarte, o consumo serve como sustentação à construção das identidades contemporâneas.

O conceito de pós-modernidade passou a existir mais explicitamente na filosofia a partir dos anos 70 quando os pensadores da pós-modernidade abriram espaço para temas deixados de lado pelos grandes sistemas filosóficos, anteriormente envolvidos nas preocupações com os valores do Ser e do Conhecimento. A partir dessa nova perspectiva, temáticas como linguagem, corpo, doença, sexualidade, cotidiano, comunicação, consumo, dentre outras, passaram a ser validadas como objetos de reflexão e pesquisa nos diversos campos de conhecimento que compõem as ciências sociais. Surgem diferentes abordagens teóricas, apresentadas por autores contemporâneos no que diz respeito ao pós-moderno. Tais autores, reconhecendo ou não a adequação do uso do termo como significado à ruptura em relação ao que já vinha sendo evidenciado na modernidade, têm como elo a constatação de consequências referentes à condição de falência dos valores tradicionais bem como da supremacia tecnocientífica, caracterizada pela busca de resultado e eficiência.

As meta-narrativas modernas tinham como objetivo legitimar a ilusão de uma história humana universal. A pós-modernidade, ao contrário, em virtude dos seus ideais pluralistas, implica em uma série heterogênea de estilos de vida.

Adotamos o termo *pós-moderno*, porém entendemos que outros autores referem-se à mesma temática ao usarem denominações tais como: *modernidade líquida*, *supermodernidade*, *modernização reflexiva*, *hipermodernidade*, *modernidade tardia*. O Sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1998), ao pensar sobre a sociedade pós-moderna, utiliza-se de contrapontos em relação a sociedade moderna, a partir da qual puderam ser observadas tais transformações.

Em relação ao homem moderno tradicional, Bauman (1998) afirma que este trocou suas possibilidades de liberdade pela segurança. O projeto moderno prometia liberar o indivíduo de sua identidade até então herdada, transformando-a em uma questão de realização, diferindo do que era possibilitado até então através de atribuição, fazendo dela assim uma tarefa individual e de responsabilidade de cada um. Porém era oferecida uma série de garantias aos que levassem a cabo a

conquista de um lugar na sociedade. A identidade deveria ser construída aos poucos, de forma coerente. A partir de um objetivo traçado, podiam ser calculados os caminhos que levariam a ele, de forma planejada e a longo prazo. A vida era vista como um projeto a fim de construir uma identidade duradoura, estável e segura.

Nesse sentido, na sociedade moderna a satisfação era adiada e a vida era pautada na contenção dos gastos com o objetivo de construir um futuro. Outro aspecto está relacionado aos vínculos, que eram constantes e adquiridos através da convivência, não só no trabalho mas também pela vivência comunitária, permitindo que houvesse uma troca onde as pessoas influenciassem, partilhassem e fossem testemunhas mutuamente de uma trajetória que contribuía para a formação da identidade e do caráter do indivíduo.

Esse modelo possibilitava uma narrativa para a vida do sujeito, permitindo que uma ética fosse construída ao longo do caminho, formando valores, ideais e crenças que seriam transmitidas aos filhos e às outras gerações.

Em relação à vida pós-moderna, diferente do que vimos anteriormente, a segurança foi preterida em nome da liberdade (Bauman, 1998), de modo que os projetos de vida individuais não encontram nenhum terreno estável onde possam ancorar-se. As propostas de continuidade e de solidez, que eram a marca das estruturas modernas, não se fazem presentes nos dias atuais, o sentimento que predomina nesse momento, é a sensação de uma nova incerteza, que difere daquela limitada à própria sorte e aos dons de uma pessoa, mas que diz respeito à maneira com que se vive em um mundo instável, fluido e em constante movimento, onde as regras não param de mudar no decorrer do próprio percurso.

*“A responsabilidade pelo fracasso caem principalmente sobre os ombros dos indivíduos(...) como todos os fluidos, eles não mantêm a forma por muito tempo. Dar-lhes forma é mais fácil do que mantê-los nela. Os sólidos são moldados para sempre. Mater os fluidos em um forma requer muita atenção, vigilância constante e esforço perpétuo – e mesmo assim o sucesso do esforço é tudo menos inevitável.” (BAUMAN 2001, p.15)*

Surge, nesse contexto a necessidade de estar sempre atualizado e, para esse fim, a exigência de uma qualificação permanente e de uma educação de alto nível torna-se supervalorizada; por ser considerada a única maneira de conseguir um “lugar ao sol” diante de um mundo do trabalho extremamente concorrido. Ainda que, do mesmo modo que os objetos de consumo, os conhecimentos são considerados obsoletos muito velozmente, justamente para que sejam substituídos por novos, o aprendizado muito rapidamente torna-se antigo; uma vez que cada vez mais são solicitadas novas habilidades.

Em relação ao conhecimento, Giddens (1991), em seus estudos, observa que, em épocas ditas tradicionais, o passado era honrado e os símbolos possuíam valor já que serviam como forma de perpetuar a experiência ao longo das gerações. O pensamento e as ações eram pautados nas próprias experiências e alterados de acordo com as mesmas. Para o autor, no tempo em que vivemos, apesar de estarmos rodeados de conhecimento, não podemos estar seguros de que o mesmo não será revisado. No atual cenário, nenhum conhecimento é dado como certo.

Giddens (1991) acredita que a modernidade ainda não tenha chegado ao fim, e defende que não podemos falar de um tempo “pós-moderno” se nem sequer saímos dela. Segundo ele, ainda estamos caminhando para realizar as propostas modernas.

Para o autor, a era das luzes surge com uma promessa de conhecimento capaz de proporcionar estabilidade, liberdade e prosperidade para a vida das pessoas, bem como o fim dos sofrimentos humanos. É justamente essa nova maneira de pensar que possibilita o surgimento da modernidade. Podemos associar as promessas Iluministas à ideia de um homem capaz de responder aos anseios e questionamentos de seu comportamento, e da sociedade, através da ciência que se baseava na crença de que, por meio da razão, poderia controlar tanto a natureza quanto a sociedade.

Por trás dos ideais modernos disseminava-se a noção de que a ciência resultaria somente bem ao humano. Com isso, a sociedade não somente deu credibilidade, como investiu nesse projeto. Substituiu-se, a partir de então, a concepção de um Deus que tudo sabe para a de Ciência como fonte de

conhecimento. Embora acreditassem que esta contruiria e criaria condições civilizatórias ao homem - visando seu bem estar - os conhecimentos à respeito do mesmo não acompanharam o avanço tecnológico.

Associada ao avanço da tecnologia, testemunhamos uma revolução da comunicação, na qual transformou radicalmente o mundo e as relações interpessoais. As promessas modernas não se cumprem totalmente, dado que o avanço tecnológico não aprofundou as relações humanas. Adotando-se o modelo científico como padrão, nada mais é verdadeiro (certo) – isto se aplica as ciências naturais e sociais. Ao mesmo tempo em que acreditamos na ciência moderna, experimentamos seu fracasso. Associado à ideia de uma “vida perfeita” instauraram-se regras e normas que, à princípio, possuíam caráter de orientação; e, nos dias atuais, tais leis tentam dar conta das mudanças enquanto mantém a sociedade moldada aos padrões “desejados”.

O mercado aproveita-se dessa nova dinâmica, baseada em uma suposta liberdade, para lançar normas de conduta e modelos de vida aos quais a sociedade deveria se inspirar para alcançar o sucesso, tais modelos transformam-se em oportunidades de manipulação e consumo que, por sua vez, são tão passageiros quanto a moda. A prevalência desse modelo privilegia instituições privadas e classes dominantes, o que conduz a um mercado cada vez mais manipulador. Alguns termos surgem para classificar a sociedade como, por exemplo, "sociedade de informação" e "sociedade de consumo”.

Lipovetsky (1989) assim como outros autores, partilha da visão de fracasso da modernidade, defendendo a ideia de que esta se auto-destruiu antes mesmo de conseguir alcançar seus objetivos. Estaríamos, segundo ele, vivendo em um tempo onde o tradicional se perdeu dentre tantas opções e em um mundo onde tudo – prazer, conquistas, vida profissional, até mesmo a família, - é efêmero, superficial e passageiro. A aplicação da ciência tem como consequência uma insegurança generalizada, tornando-se “necessária” a existência dos especialistas. Porém, ainda assim, tendo em vista que o especialista é um homem como nós, colocamo-lo em dúvida, ouvimos diversas opiniões e, curiosamente, não estamos seguros quanto a nenhuma delas.

Santos (1997) expõe, em seu livro *O que é o pós-moderno*, a diferença existente entre a massa do proletariado industrial e a massa pós moderna. A primeira possuía ideias, princípios e padrões sólidos que serviam de apoio e sentido à própria história; as lutas giravam em torno de melhores condições de vida e poder político. Os indivíduos se organizavam em sindicatos e partidos buscando metas coletivas. Por sua vez, a massa pós-moderna, consumista, representada principalmente pela classe média, flexibiliza tanto as ideias quanto os modos de agir. Sua participação “social” gira em torno de questões voltadas ao seu cotidiano, a noção de continuidade histórica perde relevância em uma sociedade que vive o presente, não conta com tradições do passado como também é impossibilitada de planejar o futuro devido a sua instabilidade.

Os indivíduos pós modernos tornaram-se consumidores da informação, são versáteis, desenvoltos, porém sem princípios rígidos, o que faz com que suas características também passem a ser móveis e fluidas, adaptando-se as mais variadas circunstâncias. Nesse contexto, os sujeitos produzem personalidades que podem ser descartadas tanto quanto as informações e os objetos que circulam velozmente no contexto contemporâneo.

A condição pós moderna, ou seja, a maneira como os indivíduos passam a sentir e representar o mundo onde vivem para si mesmos está relacionada justamente a dificuldade de sentir e representar. Por não possuir um identidade coesa, o sujeito pós-moderno justapõe vivências como forma de levar a vida e, conseqüentemente, este sujeito é marcado pelo narcisismo, ao mesmo tempo em que perdeu sua identidade, o que faz com que sinta um enorme sentimento de vazio.

O geógrafo britânico David Harvey (1992) é um dos estudiosos da temática pós-moderna. O autor sublinha que o conceito de pós-modernismo não está somente relacionado à mudança do estatuto referente a produção cultural, mas aponta para uma mudança do próprio estilo de vida com o surgimento de novas práticas, experiências e formas de viver.

Para ele, a transição do consumo de bens para consumo de serviços tem como característica principal a efemeridade. Essa mudança ocasionou nos trabalhadores a intensificação dos processos de trabalho e uma aceleração da

desqualificação e requalificação exigidas para o atendimento das cambiantes necessidades de trabalho. A aceleração do capital de giro influencia os métodos pós-modernos de pensar, sentir e agir. A moda, efêmera e volátil, acentuada pelo tempo de giro, influencia tanto na fabricação de produtos e nos padrões de trabalho, quanto nas ideias, valores e costumes estabelecidos.

Os efeitos do consumismo são a exaltação dos valores e virtudes do espontâneo e do descartável. A descartabilidade, presente na dinâmica social, vai além do ato de jogar fora bens produzidos, está associada a ser capaz de despir-se de valores, estilos de vida, lugares, pessoas, assim como modos de ser e agir.

Os sujeitos contemporâneos adotam como estratégia o planejamento a curto prazo e a arte de obter ganhos instantâneos, sempre que possível, para lidar com a fugaz obsolescência diante do contexto em que vivem. O contrato temporário em relação a tudo e todos é a marca contemporânea.

Ainda de acordo com Harvey, as representações de riqueza, classe, poder e fama estiveram presentes e tiveram relevância durante a sociedade burguesa, mas provavelmente nunca tanto quanto nos dias de hoje. Segundo ele, a produção industrial se especializa na aceleração do tempo de giro, produzindo e vendendo imagens e construindo reputações, que podem ser tanto construídas quanto destruídas de um dia para o outro.

O hedonismo, que representa uma busca pelo prazer através de uma satisfação imediata, é uma das concepções filosóficas contemporâneas que, associada a um narcisismo exacerbado, procura glamourizar a autoimagem, assim como a preocupação exagerada com a aparência e a imagem pessoal. Tal posição abre uma série de opções de consumo ao indivíduo. Existe, por exemplo, um apelo constante pelo novo, facilitado por uma enorme gama de serviços e bens à disposição dos mais variados gostos. Resta ao indivíduo, portanto, escolher dentre eles, ou até mesmo combiná-los, para marcar sua “individualidade/personalidade”. Porém, curiosamente, vivemos em uma época na qual acreditamos ser livres, onde não consumir já não é mais uma opção.

Em uma sociedade de consumidores, o ímpeto de reproduzir o estilo de vida recomendado pelo mercado, e reforçado por meio de elogios de porta-vozes,

tanto contratados quanto voluntários, não associam-se mais à coerção externa; essa força tende a ser percebida, ao contrário, como mais uma manifestação e mais uma prova de liberdade individual.

Os panópticos, necessários outrora como fonte de controle, já não precisam mais existir, nem mesmo em uma versão atualizada, tendo em vista que quando é justamente o discurso da liberdade expresso, associado ao mercado consumidor, que possui o poder de evocar e controlar as condutas humanas necessárias para manter a economia global em movimento.

A presença de um discurso tanto ético como político enfatiza que é direito de cada um poder e ser diferente, escolhendo os modelos de felicidade e estilos de vida que julgarem adequados a si mesmos.

Conforme mencionamos anteriormente, a era Pós-Moderna marca um momento de falência das grandes narrativas, substituídos por uma nova doutrina, a lógica do Mercado. Em seu lugar, observamos a manifestação de modos de existir demasiadamente fluidos para tornarem-se sólidos e com tamanha efemeridade que não duram tempo suficiente para se tornarem um pilar de estabilidade e confiança necessários à construção de uma identidade. Alternativas produzidas pela mídia são ofertadas em lugar de um Outro confiável como, por exemplo, as celebridades e os ídolos que, na realidade, servem como guias móveis em um mundo onde a permanência está em falta.

A visão tecnicista da condição humana dessimboliza as trocas sociais ao submeter o sentido da experiência ao imperativo da utilidade, tornando possível que tudo e todos possam ser “coisificados” e transformados em mercadoria. E, como toda mercadoria, o que é novo hoje, transforma em ultrapassado o que existiu ontem.

Bauman (2005), ao abordar a questão das *Vidas desperdiçadas*, elucida questões à respeito do refugo como um efeito inevitável à modernização. Consequente à construção e adoção de determinados padrões, outros passam imediatamente a serem vistos como deslocados, inaptos ou indesejados. Podemos associar esse pensamento tanto aos objetos como em relação às pessoas.

De acordo com o autor, as gerações anteriores preocupavam-se com o desemprego. Segundo o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, o prefixo *des* indica um afastamento momentâneo do que opostamente seria considerado norma, o emprego. A preocupação das gerações atuais, por outro lado, é a de tornar-se redundante, já que passa a existir uma regularidade e permanência na situação. Ser redundante é não ser necessário, não ter uso, função.

A visão tecnicista da condição humana subordinou o propósito das experiências humanas ao imperativo da utilidade, dessimbolizando, de certa forma, as trocas sociais. A “cultura do novo capitalismo” prega a máxima dos ideais fluidos, circulares, renovados, que não vão ao encontro dos valores culturais e simbólicos.

Quando a dimensão simbólica do sujeito não pode ser pensada ou indagada em suas questões, o indivíduo corre o risco de se perder perante os aspectos meramente funcionais e imediatos do seu existir, refletindo não apenas na relação deste com o outro, mas como em sua própria maneira de conduzir a vida.

É essencial deixar claro ao leitor a relevância de situarmos os casais que nos propomos a estudar, em nossa proposta de trabalho, dentro de seu contexto social para que possamos entendê-los. O mundo gera novos conflitos, síndromes, medos e inseguranças a todo momento, tornando-se fundamental que os profissionais de Psicologia possam atualizar conhecimentos, situando-os no contexto em que vivemos.

A vida dos habitantes dos tempos pós-modernos não é fácil; embora vendida como verdadeira liberdade de escolha, a arte de viver nos dias de hoje demanda dinheiro, esforço constante e, em diversas circunstâncias, *nervos de aço*. Não surpreende que, apesar de todas as alegrias e felicidades prometidas, em geral ofertadas pelo consumo, poucos são os que desejariam por em prática esse modo de viver.

Com o encurtamento das distâncias, a ascensão da internet e dos meios de comunicação, propagaram-se diversos modos de viver, tornando possível aos dias de hoje experienciar a comida, música, programas de televisão e cinema de

qualquer parte do mundo sem nem ao menos sair do lugar. O mundo passou a ser experimentado como simulação, na qual a vida reúne no mesmo espaço e ao mesmo tempo mundos distintos.

Baudrillard (1981/1997) afirma que estão desaparecendo as distinções entre o real e o aparente, transformando o mundo em que vivemos constituído cada vez mais por modelos e simulações.

Viver esta premissa contemporânea significa não ser capaz de parar, o sujeito é obrigado, ou melhor, sente-se compelido a buscar, todo tempo, algum tipo de realização, cujo fim é a felicidade. A satisfação estará sempre no futuro, quando as realizações finalmente são alcançadas já não são mais atraentes, lançando o sujeito a uma nova aspiração que ainda está por vir.

Em relação a experiência do tempo, Gilberto Safra (2006) observa que o mundo atual nos apresenta uma temporalidade cada vez mais acelerada, que vai contra o tempo da própria experiência, que é o tempo da duração e da demora que, por sua vez, possibilita o convívio.

Consideramos que para experienciar o narrar, é essencial que o sujeito esteja enraizado em uma comunidade, tendo em vista que a presença do Outro possibilita a sua constituição a partir da oferta do si mesmo. É o encontro com o Outro que cria um solo propício para a construção do amparo e da raiz. É a partir da troca com a alteridade que se torna viável a edificação de um sentimento de pertencimento. Somente, o comunicar, o conviver e o viver é que viabilizam o início de uma narrativa.

A partir das características efêmeras contemporâneas, podemos observar um aumento do desenraizamento - fenômeno que faz com que a possibilidade de narrar desapareça – surgindo, em seu lugar, um bombardeio de informações que inviabilizam o experimentar e o partilhar fundamentais à vida humana.

O narrar, da mesma forma que se ancora na tradição, também se abre ao futuro e inédito. De acordo com Safra:

*“Todo narrar também possibilita um novo posicionamento da sabedoria herdada transgeracionalmente. O que significa que se a tradição é simplesmente repetida não se está verdadeiramente*

*narrando, pois só é narrada a experiência-tradição, ou seja, o que foi diferentemente e pessoalmente re-posicionado pelo narrador.” (2006 p.31)*

Cada gesto e aspecto da vida, a partir desse momento, está relacionado unicamente à eficiência da acumulação e da produção. O sujeito passa a responsabilizar-se por suas decisões bem como pelo seu destino, o que pode gerar sentimentos de culpa nos diferentes aspectos de sua vida.

Os vínculos e as relações humanas contínuas e estáveis, que amparavam o sujeito outrora, agora tornam-se fragilizados. Nos dias de hoje, falamos de uma ligação em rede, que tem como característica tanto servir para ligar/conectar como também para desligar/desconectar. As conexões podem ser rompidas mesmo antes de se conhecê-las. As relações tornaram-se virtuais, facilitando o desvincular-se, ou ainda deletar.

De acordo com Bauman (1998), a vivência dos tempos líquidos é marcada por condições de incerteza e insegurança que não são mais vistas apenas como um inconveniente passageiro. Viver nos tempos pós modernos está associado a uma condição de incerteza e insegurança constante e irreduzível.

Assim como Bauman, Lipovetsky (2004) faz um estudo sobre a fragmentação da sociedade, sugerindo que os marcos de referência estão se diluindo, ou seja, a perda de referências sólidas (o Estado, a família, e ideais políticos e religiosos), que certa vez propiciavam sentido e direcionamento para o ser humano, resultam no surgimento de um ambiente onde prevalecem os sentimentos de insegurança e desconfiança, presente nos mais diversos âmbitos dos relacionamentos.

Esse sentimento de incerteza possibilita que os sujeitos pós modernos sintam a necessidade de uma orientação em relação aos mais diversos aspectos.

De acordo com Bauman (1998, p.221):

*“ Esses precisam realmente do alquimista que possa, ou sustente que possa, transformar a incerteza de base em preciosa auto-segurança. É a era dos especialistas em identificar problemas, dos restauradores da personalidade,*

*dos guias de casamentos, dos livros de auto – ajuda é a era do surto do aconselhamento para evitar o perigo. Procura crescente por especialista”*

Sobre a experiência contemporânea do tempo, Bittencourt (2005) observa que a mesma caracteriza-se por dois aspectos: o homem submeter-se ao tempo de fazer devido a sua ligação com a prerrogativa de que nos dias em que vivemos o “tempo é dinheiro”, deixando de conhecer o tempo de viver que está ligado a criação e a autenticidade. Por outro lado, a aparência e a satisfação absoluta são hipervalorizadas, levando a uma confusão que substitui a noção de tempo associada a eternidade pela realidade de tempo por ilusões que mascaram as dores incluídas nela, associadas à consciência da falta e dos limites.

Observamos uma dificuldade de ser em um mundo que super valoriza o individualismo e onde as relações – sejam elas com os outros ou com nós mesmos - estão despersonalizadas e desumanizadas, tendo como consequência uma destituição da subjetividade que aparece por meio do mais variados sintomas.

A autora (op. cit) questiona como seria possível encontrar os valores para construir uma vida em uma sociedade que reforça incessantemente que o único tempo a ser valorizado é aquele que pode se transformar em dinheiro. A partir dessa questão surge a noção de resgatar a vivência do tempo denominado *Kairós* pelos gregos.

Lembramos, aqui, que na cultura grega clássica encontramos duas formas de classificar o tempo: *Cronos* e *Kairós*. *Cronos* representa o tempo quantitativo, aquele que usamos para programar o dia-a-dia. Ou seja, encena as horas, os dias, os meses e os anos. *Kairós* é o tempo qualitativo, evidencia feitos, acontecimentos significativos.

Viver o tempo como *Cronos* é estar ligado aos hábitos definidos pelo relógio e pelo calendário – como, por exemplo, saber o horário de acordar, trabalhar e dormir - que ordenam uma sociedade de consumo, onde o tempo de fazer prevalece em relação ao de ser. *Kairós*, por sua vez, está ligado às nossas conquistas, realizações e histórias.

Assim *Cronos* se refere ao tempo objetivado da modernidade, *Kairós* relata o tempo da experiência do vir a ser, do fluir da vida, experimentado espontaneamente pela energia vital. É também o tempo que cria significação para a vida, através da experiência que compartilhamos com o outro.

Segundo Bittencourt:

*“ A experiência de hoje tem características bem diferentes das formas de experiência do mundo antigo, cujas narrativas passavam de pessoa para pessoa sem modificar-se, durante longos períodos de tempo, inseridas em um ambiente social que cumpria as funções de apoio necessárias ao desenvolvimento de uma forma de subjetividade regida por valores não individualistas. ” (2005, p. 93)*

Em contrapartida às urgências, a velocidade e a fluidez dos tempos pós-modernos, torna-se fundamental resgatar a vivência do *Kairós*, um tempo mágico, representado pela criatividade e pelo afeto, como forma de sobreviver às pressões do viver contemporâneo, que tenta reduzir o tempo às funções de produção e consumo que alienam o sujeito.

Pensando sobre a questão pós moderna podemos nos questionar sobre como tais transformações podem influenciar a relação entre pais e filhos na contemporaneidade.

Mizrahi (2004), ao pensar sobre a “ética” do consumo, lembra que esta começa a substituir uma ética voltada à criação do futuro através do trabalho. Devido à impossibilidade dos indivíduos constituírem suas carreiras de forma contínua na contemporaneidade, estes passam a carecer de um certo enquadre no espaço que lhes resta da vida produtiva, aceitando passivamente o que já existe. Dessa maneira, começam a viver pelo simples momento, e acreditam que a única solução seja adotar a postura de consumidor desejo de tudo que lhe é oferecido, seja por oportunidades de trabalho ou por substituir produtos por outros ainda mais novos que consigam comprar. A psicóloga reflete, ainda, como o mundo do consumo e dos serviços passa a interferir na relação pais e filhos, fazendo que estes sintam-se inseguros em relação à sua forma de cuidar, que sabemos ser singular e, como vimos, é de suma importância para o desenvolvimento saudável

do indivíduo, contituindo as bases para a criatividade quando vivenciada na parentalidade.

Segundo a autora:

*“ O mundo do consumo interfere, perturbando a mulher que, nesse momento, pode desejar dedicar-se exclusivamente ao recém-nascido que tem em seus braços. Desde o período da gestação, os pais são invadidos por vários tipos de aconselhamento e por novas tecnologias destinadas à “praticidade” e “eficiência” no manejo com o lactente. O contato com os filhos parece ser frequentemente apresentado em nossa cultura como se exigisse uma tarefa altamente especializada, que requer instrução em seus mínimos detalhes.”*  
(MIZRAHI, 2004, p.126)

Bauman (2004), corrobora a ideia ao analisar a sociedade de consumo acerca dos relacionamentos, afirmando que:

*“ Numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas as características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço”* (2004, p. 21)

Segundo Lipovetsky (2004), a hipermodernidade tem como característica marcante a presença da efemeridade, o que, conseqüentemente, resulta na sensação de insegurança. O filósofo francês imputa esses acontecimentos à rápida expansão do consumo, comunicação de massa e corrida pela competição, mas, também, à queda dos sustentáculos simbólicos, ao desapoderamento das normas de autoridade e disciplina, bem como a individualização que legitimou o hedonismo e a sociedade de consumo.

Paradoxalmente aos sentimentos de medo, falta de esperança em relação ao futuro e a insegurança presentes no cotidiano, nos tempos contemporâneos somos incentivados a sermos constantemente saudáveis e felizes nos mais diversos aspectos e durante a maior parte do tempo. Essas exigências pós-

modernas trazem expectativas que levarão a recorrer a mídia como fonte de orientação. Surge então, a figura do especialista como referência, fonte de segurança e credibilidade.

De acordo com Almeida & Jablonski (2011), os especialistas estão presentes nos dias de hoje, com pareceres disponíveis durante o tempo todo através dos diferentes meios de comunicação, dentre eles o da literatura de massa, nomeados como livros de auto ajuda. Esse tipo de literatura tem conquistado lugar como uma das principais fontes de informação, tornando-se um guru em formato de manual com a finalidade de explicar aos leitores o que fazer e de que maneira, substituindo valores em relação aos modos de ser e de viver que outrora referiam-se à família e à igreja.

Não é de se admirar que, dentro deste contexto, surjam diversos cursos para orientar mulheres incertas quanto ao seu papel, em busca de conhecimento sobre a maternidade.

## 3

### Conhecendo e escutando futuras mães

#### 3.1

##### Metodologia

Paralelamente à pesquisa teórica, relatada nos capítulos anteriores, compreendemos que a investigação do tema proposto se tornaria mais completa e rica a partir de uma pesquisa de campo.

Partindo do pressuposto de que ao nascer o ser humano encontra-se em um estado de dependência absoluta e que os cuidados recebidos nos seus primeiros meses de vida são de suma importância para a formação da subjetividade humana, procuramos investigar questões, expectativas e angústias presentes em mulheres que vivenciam as últimas semanas de gestação (33 a 39 semana), as estratégias para lidar com esses sentimentos, bem como analisar os possíveis atravessamentos da cultura do consumo nas primeiras relações mãe-bebê e as suas repercussões na prática da maternagem.

Mais especificamente, buscamos investigar o que motivou as nossas gestantes a buscarem por um curso de instruções (banho, troca de fralda, mamadeira, amamentação) para casais grávidos.

Uma pesquisa qualitativa foi realizada, fazendo-se necessária a delimitação do campo de estudo, isto é, o perfil dos participantes a serem entrevistados. Importante ressaltar que as entrevistas coletadas foram inicialmente gravadas e posteriormente transcritas. Os seguintes critérios foram estabelecidos:

##### 3.1.2

##### Sujeitos

Nesse estudo contamos com a participação de sete mulheres, selecionadas a partir dos seguintes parâmetros: (1) mulheres dos segmentos médios da população carioca, (2) vivenciando as últimas semanas de gestação (da 33a à 39a

semana), (3) que tenham buscado orientação em “cursos para casais grávidos”. A escolha por esse período se deu em virtude de sinalizar que a *preocupação materna primária* é um estado cujo início ocorre ainda na gestação, sendo intensamente acentuada em seu período final, permanecendo até as primeiras semanas, ou meses, pós-parto.

As idades das entrevistadas variam de 32 a 39 anos. Todas possuem formação superior e estão esperando seu primeiro filho(a). As profissões variaram, sendo uma assistente de direção (Cinema), uma designer e empresária no setor de festas infantis, uma arquiteta, uma professora e diretora em escolas estaduais e municipais, uma médica, uma juíza e a outra psicóloga. Um dado importante é que todas assistiram às aulas do curso para casais grávidos junto com seus companheiros.

A seguir, apresentamos os dados completos (lembrando que o nome das participantes foram modificados para preservar a identidade das mesmas)

Nome	Idade (anos)	Profissão	Semana de gestação
Luana	33	Assistente de direção	38 semanas
Marcela	32	Designer	37 semanas
Carolina	34	Arquiteta	35 semanas
Deborah	32	Professora/diretora	34 semanas
Flávia	38	Médica	39 semanas
Tatiana	32	Juíza	35 semanas
Nathália	39	Psicóloga	40 semanas

### 3.1.3

#### Cuidados éticos

O projeto de pesquisa foi submetido ao comitê de ética da PUC-Rio. Os objetivos e procedimentos do estudo foram esclarecidos pela pesquisadora e todas as participantes leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que se deu em duas vias como condição à participação na pesquisa. A

participação dos sujeitos ocorreu de forma voluntária e foi garantido o sigilo das informações, assim como a segurança de que a entrevista não ofereceria risco às participantes e que as mesmas poderiam interrompê-la a qualquer momento, caso desejassem.

Visto que foram realizadas entrevistas com mulheres ao longo do período gestacional, a devolução pôde ocorrer ao longo da mesma, já que a pesquisadora se disponibilizou, através de uma escuta sensível, a abrir um espaço para a manifestação de afetos pouco ou ainda não compartilhados. Além disso, foi garantido às participantes acesso ao material da pesquisa conforme o seu desejo.

#### **3.1.4**

##### **Instrumentos**

Para a coleta de dados, foi realizada uma entrevista semi-estruturada por meio de um roteiro oculto, contendo itens elaborados a priori a partir da revisão da literatura, que serviram de base para abordar as questões que pretendíamos investigar. As entrevistas foram realizadas individualmente, no local escolhido pelas próprias entrevistadas de acordo com a disponibilidade, conveniência e preferência das mesmas.

O uso de temas, ao invés de perguntas fechadas, teve como objetivo preservar as características de uma conversa informal possibilitando aos sujeitos se expressarem de forma espontânea. Vale ressaltar que o roteiro da entrevista (anexo) serviu como um norteador, possibilitando uma certa flexibilidade frente aos conteúdos trazidos pelas participantes sem perder os objetivos do trabalho. A ordem dos tópicos pôde ser alterada de acordo com o próprio fluxo da conversa, dessa forma todas as entrevistadas abordaram temas que consideramos pertinentes para nossa investigação.

### 3.1.5

#### **Análise de dados**

As entrevistas foram gravadas, mediante a autorização prévia das participantes, e posteriormente transcritas de forma integral e detalhada, procurando preservar ao máximo o que e como foi dito. Desta forma, foram mantidas pausas, risadas, hesitações, gírias, entre outras. A partir disso, as entrevistas puderam submeter-se à Análise de Conteúdo conforme proposto por Laurence Bardin (2011), cujo objetivo é explicitar os conteúdos veiculados pelos discursos.

A análise de conteúdo segundo Bardin estrutura-se basicamente em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos dados. Na pré-análise, as entrevistas feitas foram reunidas e transcritas. Na exploração do material ocorreu a codificação, ou seja, dados brutos foram transformados em conteúdos organizados. O material foi reunido em unidades de registro, a partir da escolha de categorias comuns. Por fim, no tratamento dos resultados, pudemos interpretar os dados coletados. (Bardin, 2011)

### 3.2

#### **Resultados e discussão**

Determinadas questões passam a existir a partir do momento que algumas mulheres descobrem estar grávidas, o que trás como consequência um questionamento acerca da sua capacidade para exercer a maternidade e pensam: será que eu vou cuidar da maneira mais adequada do bebê? Como fazer para dar certo? As inseguranças se manifestam em dúvidas concretas, tendo por objeto as relações mãe-bebê, os cuidados, amamentação, etc.

Em busca de soluções para tais questionamentos, o número de casais que buscam por cursos sobre os primeiros cuidados de um bebê tem aumentado exponencialmente ano após ano. Sublinhamos que o perfil dos casais que procuram por algum tipo de ajuda em forma de instruções estão localizados nos

segmentos sociais mais favorecidos. A proposta desses cursos é “ensinar”, esclarecer e tirar dúvidas à respeito de diversos aspectos tanto da gravidez, como da maternidade e dos cuidados com o bebê.

Cursos desse tipo podem ser encontrados em diversas maternidades do Rio de Janeiro, como também lecionados por pediatras, obstetras, enfermeiras, espaços especializados em atividades para gestantes ou por alguém que possua certa experiência no cuidado com bebês. É fundamental diferenciar o “curso para casais grávidos” dos grupos oferecidos às gestantes em diversos hospitais, como os serviços de psicologia ou instruções advindas dos bancos de leite.

Assim sendo, torna-se necessária a explicação de como se dão essas aulas. Tomaremos como exemplo o local escolhido como campo de pesquisa para este trabalho, onde os cursos normalmente são subdivididos em módulos, cada aula tendo de 3 a 4 horas de duração.

Todo um ambiente é organizado para que os futuros pais sintam-se ambientados e familiarizados com o universo infantil. São disponibilizados *puffs* para que os casais se sentem em círculo e uma almofada especial para que a futura mãe possa acomodar-se da maneira mais confortável. Um bebê de brinquedo fica sob o cuidado de cada casal e, dentro da “sala de aula”, podem ser vistas fraldas, banheiras, mamadeiras, bicos de silicone, roupinhas e todos os objetos que poderão ser utilizados para e pelo recém-nascido.

Alguns dos módulos mais procurados do curso são: *Amamentação 1 e 2, Banho e primeiros cuidados, Enxoval, Tipos de parto e Primeiros socorros*. Ainda são oferecidos outros módulos conforme a demanda dos “alunos” como por exemplo: *Os Avós, Cuidando de gêmeos, O Segundo filho*.

A aula tem início com a apresentação de cada um dizendo seu nome e idade; informam também o sexo e o nome do bebê que está por vir e quantas semanas de gestação. Logo após todos se conhecerem, e o ambiente ficar mais descontraído, é entregue um material impresso, de modo que todos possam acompanhar as instruções e, se necessário, realizar anotações. Ao longo da aula, as dúvidas são respondidas e o bebê de brinquedo serve como modelo para que o

casal possa “treinar” como dar banho, trocar roupas e fraldas, bem como aprender algumas posições de amamentação.

Por tratar-se de uma situação nova para alguns casais, a mesma pode vir acompanhada por dúvidas, questionamentos e inseguranças. Porém, pensando na singularidade do ser humano, surgirão alguns questionamentos: seria possível construir um manual para aliviar a angústia? A maternagem pode ser aprendida? O que é ser uma boa mãe?

Procuramos, então, responder a questões como *por que buscar um curso? O que significa ser mãe para essas mulheres? Como elas imaginam os primeiros dias de vida de seus bebês e a relação com eles?*

A partir da análise dos relatos obtidos através das entrevistas, puderam ser selecionados alguns temas recorrentes nas falas das nossas participantes; formamos, assim, as seguintes categorias de análise: Motivações para buscar o curso; Ser uma boa mãe; Apoios; Doutrina x Sensibilidade; Consumo.

### 3.2.1

#### **As motivações para buscar o curso**

Em relação aos aspectos da valorização da informação, podemos supor que a necessidade de se sentir informado e atualizado, características do contemporâneo que estão presentes nas mais diversas situações da vida do sujeito, aparecem também no que diz respeito à maternagem. De acordo com as entrevistas, as principais motivações relacionadas à busca pelo curso estão relacionadas à valorização da informação frente a sentimentos tais como insegurança diante de uma situação nova que gera medo, principalmente no que diz respeito à amamentação.

*“Por mais que eu já tenha lido alguns livros, fui em palestra no Fernandes Figueira, enfim, to tentando me informar da melhor forma possível e a Sofia foi uma indicação que eu tive de uma amiga, que fez o curso no primeiro filho e gostou muito.”*  
(Flávia)

*“A gente (...) acredita que quanto mais informação você tem, mais conhecimento sobre o que está acontecendo você tem, isso te dá até um apoio psicológico pra você encarar esse momento de transformação.” (Tatiana)*

A partir dessas falas, percebemos que as mulheres sentem necessidade de procurar por um especialista para garantir um saber acerca da maternagem. É como se para ser mãe houvesse a necessidade de se qualificar. Isso significa que elas partem da ideia de que um modelo de excelência exista. Quanto mais se aproximarem deste modelo, maior é a probabilidade de sucesso

*“Não que eu vá acertar, mas eu tentei, to tentando me orientar, estudar, pra pelo menos ter o máximo de conhecimento possível pra tentar acertar com maior chance de probabilidade.” (Flávia)*

Notamos, ainda, que as mulheres sentem a necessidade de frequentar essas aulas porque houve uma perda do lugar da tradição, isto é, das figuras de referência presentes outrora na própria família e que hoje podem ser substituídas pelo saber técnico/especializado.

*“A minha mãe já faleceu e a mãe dele a gente não pode contar, então o fato de não ter uma pessoa que a gente confie pra dar um suporte, eu acho que deixou a gente um pouco inseguro no sentido de como a gente vai fazer.” (Marcela)*

Também observamos que a insegurança e a incerteza, sentimentos presentes no cotidiano de quem habita o mundo contemporâneo, foram aspectos que motivaram nossas entrevistadas a buscar ajuda.

*“Acho que foi mais pra ter segurança de que eu tava fazendo a coisa certa. To pelo caminho certo, confiança e a segurança com certeza pro curso foi muito bom.” (Marcela)*

*“Eu perguntava tudo, exatamente tudo, das coisas mais bobas do tipo qual o sabão que você usou pra lavar as roupinhas até coisas mais.. mais.. poxa o que que você sentia, você tinha isso, você tinha aquilo (...) Acho que isso tá muito calcado na insegurança porque realmente é um assunto que você não sabe, e quer muito saber, né? Agora grávida eu sinto só essas incertezas, só essas inseguranças..” (Luana)*

*“Então foi mais pelo medo mesmo, medo de.. o medo mesmo que me conduziu a Sofia. Pra eu aprender.” (Carolina)*

Associadas a esse medo estão questões acerca da amamentação e em relação à fragilidade do bebê.

*“A amamentação era um assunto que eu não encontrava . E acho que as pessoas ficavam meio apoiadas naquele.. ah a gente vira bicho, na hora você vai ter um instinto animal que vai te ajudar, que você vai saber na hora e vai fazer. Então eu sempre me sentia muito desinformada e era um assunto que, ali sim eu falava, cara eu preciso saber isso um pouco mais porque pode não acontecer naturalmente. Eu posso não me transformar bicho que todo mundo fala que você vai se transformar e aí?” (Luana)*

*“Acho que principalmente nos primeiros dias, em relação sempre a mim, a minha dúvida sempre foi em como amamentar, quantas vezes, quanto tempo, e se bota assim.. eu lembrava assim vagamente que criança antigamente tinha horários, né? Horário pra comer, horário pra não sei o que (...) Porque tem mães que dão a amamentação livre demanda, antes de ser mãe não entendia isso, gente mas como assim, a pessoa fica horas, umas 4 ou 5 horas com até um ano com a criança pendurada, né? E ao meu ver isso não está correto, sabe? ” (Nathália)*

O módulo do curso sobre amamentação é um dos mais procurados, talvez por ser um tema no qual as mães não encontrem muitas informações, fazendo com que não se sintam “capacitadas” para tal tarefa ou talvez porque é visto como um mito (prazeroso e, ao mesmo tempo, doloroso; o leite materno é visto pela medicina como o melhor alimento do mundo). A partir dos depoimentos coletados, constatamos que há um resquício da maternagem associada ao instinto, sobretudo no que diz respeito à amamentação.

*“(...) Isso era uma dúvida e como lidar no início, com um ser tão minúsculo assim, trocar fralda, eu não sabia nem pegar o neném pra ser sincera. Eu sempre tive medo de ficar pegando o filho dos outros porque é muito pequenininho, né?” (Nathália)*

### 3.2.2

#### **Ser uma boa mãe**

A partir das entrevistas outro tema considerado expressivo foi a percepção de nossas entrevistadas sobre o que seria a maternagem “ideal”, quais as características de uma boa mãe, suas expectativas para a chegada do bebê e fantasias em relação ao futuro.

Alguns depoimentos descreviam o que as moças consideravam como características de uma *boa mãe*, assim como imaginavam ser os primeiros momentos junto de seus bebês, o que remete ao conceito winnicottiano de *Preocupação Materna Primária*.

*“Acho que esse começo vai ser uma fase de muita observação, de construção, de começo de uma relação. Falam que é instantâneo, que você olha.. acho que deve acontecer realmente um apaixonamento de primeira, de primeiro momento do pai, da mãe, da criança, mas também ao mesmo tempo deve ser meio surreal”*  
(Luana)

*“Eu acho que é aquela coisa, é aquele momento muito tudo fixo nela, vai virar tipo uma extensão minha, né? Já é na verdade. E é aquela coisa, vou ser muito eu e ela, né? É um ser totalmente dependente de mim, vai ser um sufoquinho.”*  
(Carolina)

*“Quero estar com a participação ativa nesse momento com a minha filha, e eu acho que a rotina vai ser pelo menos no primeiro mês dedicação exclusiva. Vou ficar de acordo com as coisas dela, com as demandas dela, o primeiro mês eu imagino que deva ser uma dedicação exclusivíssima.”* (Tatiana)

Além disso, uma das entrevistadas também teve a percepção de que esse período não deve ultrapassar um certo tempo, que não teria uma prazo específico para seu término; entretanto, certamente uma duração extensiva excessivamente poderia apresentar consequências de caráter patológico. Tal percepção vai de encontro com a teoria que aponta a *preocupação materna primária* como um estágio de sensibilidade da mãe em relação a seu bebê, intuindo suas necessidades e, à medida que o mesmo se desenvolve, tal suporte vai ser retirado de forma gradual e sutil.

*“Deve ser uma fonte de amor enorme, absurda e eu acho que você tem até que tomar cuidado pra não pirar porque eu acho que pode ser uma coisa realmente muito intensa assim, muito você com ele né? Sei lá, talvez uma sensação de que isso basta, sabe? De que isso é a vida (...) Acho que você tem que se policiar pra não cair nessa porque eu acho que isso depois de 6 meses, depois de 3, 4 meses você não aguenta.”* (Luana)

Algumas falas também foram de encontro ao que o psicanalista inglês intitulou *mãe suficientemente boa*. O advérbio de modo *suficientemente* indica que há uma linha tênue entre o excesso e a falta, a presença e a ausência, o que

significa ser flexível o suficiente para poder acompanhar o bebê em suas necessidades, que oscilam e evoluem durante a trajetória rumo à maturidade e autonomia.

*“Acho que eu não posso mimar demais mas eu acho que eu vou me basear muito nessa coisa do carinho. A minha pretensão em ser uma boa mãe é tentar dar muito carinho, muita atenção e ter os momentos em que tem que tratar com a disciplina e os momentos em que eu vou pegar e abraçar e tentar resolver da maneira que der.” (Deborah)*

*“Ser uma boa mãe? É difícil, né? Eu acho que ser uma boa mãe primeiro é ser uma mãe presente, uma mãe carinhosa, uma mãe amável. Que dê amor ao filho e uma mãe que discipline o filho, que crie, que eduque o filho pro mundo.” (Tatiana)*

*“É difícil, mas pra mim a boa mãe é aquela que não só dá carinho e amor como também impõe limites, né? Sabe dizer não na hora certa.” (Nathália)*

*“Eu não sei exatamente o que é ser uma boa mãe, eu vou tentar me doar o máximo possível mas dentro dos meus limites porque eu também tenho outros projetos de vida, entendeu?” (Flávia)*

*“Uma boa mãe é uma mãe que é participativa, que ta sempre acompanhando todos os momentos da criança, ficando atenta às mudanças..” (Carolina)*

Consideramos importante sinalizar que, em relação às expectativas sobre a chegada do filho e o início da relação mãe-bebê, as entrevistadas puderam falar sobre alguns medos e fantasias ao se imaginarem diante dessa nova realidade que é cuidar e se responsabilizar por um recém-nascido, uma vida que chegou ao mundo e agora vive em seu lar.

*“Estou me preparando pra primeiras semanas difíceis, pra muito choro, muita coisa nova, essa insegurança...é uma insegurança que eu tenho e eu acredito que muitas mães devem ter, e eu acho que essas primeiras semanas tem a questão da insegurança, do ineditismo e ainda da criança estar se acostumando também. De ter saído da barriga, e estar entrando nesse mundo de acordar, dormir, chorar.. então eu acho que devem ser as primeiras semanas difíceis.” (Tatiana)*

*“Então, eu acho que vai ser super difícil, acho que a gente vai ter dificuldade tipo...nos nossos horários. Eu acho que vai ser difícil de horário, porque no primeiro mês é difícil colocar, impor alguma regra ou rotina. Não vai ter rotina, vai ser o horário dele, eu que vou me adaptar mas a minha intenção é tentar depois que ele se adapte a uma rotina que seja boa pra mim, pra ele e pro B. O B. chega tarde do trabalho então, vou tentar fazer uma rotina que seja uma boa*

*para a família. Acho que vai ser difícil, não acho que vai ser fácil, vai ser perrengue (risada). Acho que a gente vai ficar umas boas noites sem dormir, mas não acho que seja a pior coisa do mundo.” (Marcela)*

*“Como sou uma pessoa extremamente otimista acho que ele vai ser ótimo, calminho, que vai dar trabalho mas eu acho que nada desesperador, porque se as pessoas tem cinco, dez filhos, não deve ser tããõ assim desesperador como algumas pessoas falam, não é possível...” (Nathália)*

Diante do novo, do desconhecido e do inesperado, gerador de angústias e inseguranças, uma estratégia apontada por uma das mulheres entrevistadas para lidar com essa nova experiência é ter calma e paciência durante esse período de descobertas e conhecimento mútuo.

*“Acho que calma e paciência é o principal, porque obebê é muito reflexo da mãe. Se a mãe fica agitada, o bebê também fica, dorme mal e tal. Não se desesperar se alguma coisa der errado, não se desesperar se ele ficar desesperado.. acho que esse é o principal, e o que eu imagino que vá precisar agora no início.” (Marcela)*

Na fala relatada acima, com a utilização do termo “se algo der errado”, notamos que o momento de descobertas iniciais causam uma certa idealização da maternidade, suscitam a impressão de que existiria uma maneira “correta” ou “padronizada” para lidar com os acontecimentos durante esse estágio. Observamos, em outras falas, um desejo dessas mães em “fazer certo”, o que aponta para algo do contemporâneo, de uma exigência em ser a melhor, a mais qualificada e infalível mãe. Ao mesmo tempo, contudo, uma das entrevistadas se contradiz, ou mesmo podemos pensar que, ao falar, se dá conta de que não exista uma fórmula para a maternagem perfeita como veremos abaixo:

*“No geral o acertar é isso, você ser a melhor mãe para não faltar nada. Eu quero dar o melhor que eu posso, que eu puder e que existir no mundo. Em linhas gerais, acho que ser uma boa mãe seria dar o melhor que eu puder pro meu filho, que ele cresça com saúde, feliz e com amor. No mais amplo sentido acho que acertar seria suprir, ne? Em ser uma mãe melhor possível pro seu filho. Agora pra chegar nisso, aí eu acho que é a questão, né?” (Luana)*

### 3.2.3

#### Apoios

Conforme vimos anteriormente descrito na literatura, também observamos, a partir das falas de nossas participantes, a importância de se sentirem amparadas e apoiadas para que possam desempenhar de forma adequada e saudável a função da maternagem. Fazem parte dessa categoria os mais diversos tipos de apoio, sejam eles representados pela mãe da gestante, pelo seu companheiro, por sua família, por uma empregada, ou seus amigos mais próximos.

Ao serem abordadas pelo tema, eram, imediatamente, remetidas aos próprios apoios que recebiam em suas vidas em geral. Interessante constatar que esse “carga de apoio” era preenchido constantemente por uma figura feminina, como a mãe, a sogra ou uma empregada.

*“A vinda da minha mãe já traz uma certa segurança, né? Você acredita que tudo que não souber teoricamente a sua mãe vai saber porque ela fez com você. E aqui em casa eu tenho uma moça que trabalha com a gente há muito tempo, ela foi babá da S, filha do T que hoje está com 12 anos. Ela trabalha aqui em casa de terça a sexta e vai continuar. Mas, nesse começo em função de comida, de lavar as roupinhas e arrumar a casa pra eu poder ficar mais com o neném. É alguém que vai poder me ajudar, que tem uma experiência.” (Luana)*

*“A minha empregada vem ficar comigo todos os dias agora. Ela não vem pra cuidar dele mas vem pra me ajudar, ela vai ficar cuidando da casa e vai me ajudar, se eu precisar de alguma coisa eu posso contar com ela, entendeu? Ela vai acabar me ajudando bastante, talvez ela me ajude a ter mais segurança. Isso me deixou mais tranquila, o fato de ter uma pessoa que eu confio que vai ficar em casa junto comigo.” (Marcela)*

*“A minha mãe, a mãe dele, porque a mãe dele mora na Paraíba e vai ficar aqui uma semana, mas com o neném vai ser só eu e ele mesmo. Elas podem ajudar na casa, alguma coisa, ficar aqui..” (Nathália)*

Podemos notar que a presença de uma figura feminina, representando o papel de alguém que já vivenciou essa fase e possui certos conhecimentos acerca do assunto, é vista como um fator de segurança para as nossas entrevistadas. A presença do marido veio como resposta seguinte às figuras femininas, pois eram a segunda referência que as futuras mães possuíam. Nos casos em que a mãe já

havia falecido, ou estava ausente, o marido aparecia logo de início como principal suporte.

*“Meu marido pretende tirar férias assim que ela nascer, vai ficar um mês em casa, além dos 5 dias que pode.” (Deborah)*

*“Meu namorado foi também, ele gostou, adorou. Foi até divertido porque ele é engraçado, meio palhaço e tal ai foi legal, eu gostei dele ter participado. Achei bacana, quero que ele esteja muito junto, que ele seja aquele paizão assim que fica do lado babando pela filha, ajudando também, acho que ele vai ser.” (Carolina)*

*“O apoio do meu marido principalmente que realmente me apoia muito, que tá super feliz, empolgado e presente, sabe? Não tenho o que falar, de zero a dez ele é nota dez!” (Tatiana)*

*“O curso ele assistiu e foi legal, eu até tirei uma foto porque ele ficou o curso inteiro segurando a boneca. (risos)” (Flávia)*

*“O meu marido vai me ajudar aqui nos primeiros dias, vai fazer a comida. Eu tenho uma faxineira uma vez por semana, não vou ter babá. Acho que quem tem que cuidar é o pai e a mãe mesmo, principalmente nos primeiros dias. Ele assistiu as aulas do curso comigo, anotou, fez pergunta.. (risos)” (Nathália)*

Ressaltamos, como aspecto positivo, que os companheiros das futuras mães estiveram presentes e participaram, de maneira frequente, as “aulas”. Este fato foi constatado tanto a partir do discurso da coleta de dados, quanto através da observação realizada no dia da visita ao “curso para casais grávidos”. Segundo as mulheres, essa experiência fazia com que os pais se sentissem mais seguros em relação à paternidade e com vontade de participar dos cuidados com o bebê.

*“Eu eu achava o B muito preocupado com as coisas. Quando a gente foi fazer o curso ele saiu de lá assim, eu vou dar o primeiro banho! Eu não quero que ninguém dê o primeiro banho, mas ele saiu de lá tão confiante, sabe? Ele quer participar, ele tá muuuuito afim de participar, então eu acho que nisso pelo menos achei que pra ele fez muuuita diferença, pra ele se sentir confiante e seguro pra fazer as coisas.” (Marcela)*

Vimos, com base na análise histórica dos papéis parentais, que o homem tradicionalmente não era criado para envolver-se afetivamente com os filhos e que, por isso, a sua tarefa consistia exclusivamente no sustento do lar. No cenário atual, essa perspectiva tem mudado e continua em transformação. Nos dias de hoje, tornou-se cada vez mais comum o pai desejar estar presente não apenas no

nascimento do bebê, como nos seus primeiros momentos de vida. Essa mudança não só enriquece a relação familiar como também proporciona um suporte à mulher e, conseqüentemente, ao bebê. Winnicott (1964/2014) aponta, no entanto, que a participação do cônjuge só é possível quando desejada e autorizada pela mulher, que dá espaço para que se estabeleça uma relação entre pai e filho.

Talvez, pelo fato dessas transformações serem recentes do ponto de vista histórico, e ainda não estar associada à imagem masculina a noção de cuidado, observamos, em algumas de nossas participantes, uma desconfiança em relação à capacidade de seus companheiros para cuidar dos filhos.

*“Ele também não sabe nada, fez os cursos comigo. Eu bati tudo no computador e mandei pra ele, falei vai lendo isso pro trabalho todo dia, pra você se acostumar com as coisas. Ele quer muito dar o tal do banho no chuveiro, é louco pra dar o tal banho no chuveiro. Eu já não sou tão louca assim (risadas). Tenho um certo receio porque ele nunca pegou um recém nascido no colo. Então, eu não acho que eu vá querer que ele dê no primeiro dia que nem ela fala que é uma coisa legal de dar, prefiro ir na banheira, acho mais seguro.” (Deborah)*

*“Eu leio e vou falando as coisas pra ele e ele assistiu o curso bonitinho, depois fiquei até tomando o ponto dele e ele pareceu bem interessado. Ele tem muita vontade de me ajudar mas eu já falei, de boa intenção o inferno tá cheio.” (Flávia)*

É interessante notar que a família extensa e os amigos também foram considerados figuras de apoio e suporte; em ambos os casos em que isso ocorreu as mães das participantes haviam falecido.

*“O meu pai tá super empolgado, porque a minha mãe já faleceu, mas o meu pai tá super empolgado, os meus irmãos estão muito animados, os meus sogros também. É o primeiro neto direto da minha sogra, ela só tem o meu marido de filho e também é o primeiro filho do meu marido então ela tá super ansiosa. Acho que é um apoio grande, tá todo mundo feliz, os amigos estão contentes.” (Tatiana)*

*“Não tem ninguém assim de emergência que a gente possa contar a não ser os nossos amigos.” (Marcela)*

Outra questão que podemos observar é uma comparação em relação à maternidade no contemporâneo e a maternidade em outras épocas que podemos

classificar como tradicionais, que seriam representadas pelas geração das mães e das avós de nossas entrevistadas.

*“Eu acho que antigamente as pessoas tinham as famílias mais próximas, eu não sei...” (Carolina)*

*“Eu acho que ela (referindo-se a sua mãe) vai participar bastante, essa ajuda eu vou ter, só que é aquela coisa, é a cabeça de uma mulher de 70 anos, então assim por exemplo, eu mostrava as coisas do curso pra ela e ela não concorda com quase nada daquilo. Então todo o curso eu fui lá, eu levei os papéis todos do curso, mostrei pra ela como é que era e ela falava: eu acho isso uma besteira, acho que na prática você não vai conseguir fazer nada disso, mas você tenta.. Ela já sabe como eu pretendo fazer as coisas e ela pretende ajudar, acho que apoio eu vou ter.” (Deborah)*

*“Ele adorou fazer o curso mas ele é mestre em falar que as pessoas arrumam problema, que a mãe dele não fez nada disso e ele está aqui, inteiro. Ele gosta de falar isso, sabe? Mas eu falei de repente a sua mãe foi criada pra isso, numa sociedade patriarcal, entendeu? Ela era dona de casa, era isso que se esperava dela e ela só tinha isso de expectativa pra vida dela toda. Que era casar e criar bem os filhos, que não é bem o meu caso e o de nenhuma mulher hoje em dia praticamente. Duvido que ela também não tivesse insegurança, ela teve filho aos 19 anos. Mas era diferente, né?” (Flávia)*

*“Pra mim o ideal seria alguém da minha família mas a minha mãe já é idosa, a minha sogra idem, a minha sogra tem problemas de saúde e nem mora no Rio. Então, (...) eu vou ter que ter alguém, eu vou ter que ter alguém do meu lado com certeza. Mas eu ando meio assustada com os valores.” (Carolina)*

As frases acima refletem a convivência de valores antigos e novos que perpassam as transformações relativas ao conceito de família e de maternagem, apresentados no primeiro capítulo deste trabalho. O último depoimento nos faz refletir sobre um outro tipo de cuidado, um cuidado que, à princípio, não está associado ao afeto e que, no mundo em que vivemos, encontra-se disponível somente em uma classe social que pode arcar com seu custo. Foi quando surgiu a questão para qual não temos resposta, mas que serve de reflexão. Poderíamos considerar o próprio curso como um apoio? Apoio comprado, já que ao procurá-los essas mulheres relatam sentirem insegurança; de certa forma assistir às aulas dá a elas uma segurança que é apenas momentânea, como veremos na fala a seguir:

*“Tem que estar preparada mas eu acho que nunca vou estar. Mesmo se eu tivesse feito todos os cursos, todas as aulas, acho que pra mim a sensação continuaria sendo essa mesma.” (Luana)*

### 3.2.4

#### Doutrinas x Sensibilidade / Receitas Prontas

Nessa categoria, nossas observações estão relacionadas ao paradoxo vivenciado por nossas participantes. Através de suas falas, notamos que, por mais que sigam ou pretendam seguir as “instruções/orientações” recebidas durante os módulos, e que acreditem no ensino de um modelo de sucesso para os cuidados com os filhos, em determinado momento da entrevista questionam-se sobre a viabilidade de seguir determinados manuais.

*“Tem que tomar muito cuidado pra você não ficar doutrinada, sabe? Vai nascer junto com essa criança uma mãe e você fica muito insegura, você não sabe um monte de coisa e eu tenho medo de ficar um pouco afetada pela série de regras assim que tem que fazer desse jeito, este é o melhor jeito. O seu ouvido ali tem que estar muito filtrado porque se for levar aquilo ao pé da letra, isso vira sei lá, uma profissão.” (Luana)*

*“Então eu peguei todos o material que ela deu e tudo que eu escrevi durante a aula, eu passava a aula escrevendo e ai bati tudo no computador, está até impresso aqui. A minha ideia é ficar lendo aquilo até a hora de nascer e fazer umas fichinhas com as coisas principais. É meio maluquice, né? Mas eu fiz pra ver se eu consigo seguir.” (Deborah)*

*“Já tenho algumas regras, disciplina pra dormir, se você não fizer aquela tecnicazinha que a própria Sofia fala, do tempo certo pra você fazer uma atividade, depois comer, não ficar ninando e sim ficar em pé do lado, é mais cansativo, demora mais, é o caminho mais longo mas você vai chegar no objetivo que você quer. E isso pra mim é acertar, é você conseguir cumprir com os objetivos, que é fazer a criança dormir de forma disciplinada.” (Flávia)*

*“Eu acho que esse método que a Sofia passa desde o nascimento da criança, eu acho muito bom, acho que principalmente isso a gente vai querer aplicar.” (Tatiana)*

*“Ele lê as coisas da Sofia, vira e mexe ele fala assim caramba, a gente precisa repassar o curso a limpo porque a gente tem que decorar tudo.” (Marcela)*

A questão da doutrina esbarra no medo de perder a espontaneidade, da necessidade do “sentir com” entre mãe e bebê. Sendo assim, por mais que pareça

mais prático seguir uma receita pronta, e que aprender ou ler determinados manuais sobre o tema possa diminuir a ansiedade e as angústias dessas futuras mães, em determinado momento a sensibilidade torna-se presente no discurso que de certa forma aponta para um questionamento da “eficiência” dos modelos e para a própria singularidade do bebê, da mãe e da relação entre eles.

*“Eu não queria sair de lugar nenhum capacitada a fazer alguma coisa, a minha ideia era muito mais me informar tanto que tudo que eu ouvi, tudo que ela relatou você tem que adequar. Você vai fazer do jeito que for bom pra você, que for bom pro seu filho e o que ele te sinalizar. Não é possível que seja uma coisa tão preto no branco assim, né? Quero acertar mas eu to mais confiante na minha intuição do que em alguma regra.” (Luana)*

*“Ter feito cursos onde ela mostra procedimentos e essa coisa organizadinha me deixou mais tranquila. Agora não sei se na prática vou conseguir, vou tentar seguir, estou fazendo de tudo pra que isso dê certo. Espero que eu consiga depois que o bebê nascer aplicar na prática porque na teoria é fácil, a prática é o problema.” (Deborah)*

*“Vejo coisas que eu teoricamente acho que não vou fazer, porque também prática é uma coisa e teoria é outra. A programação tá feita, eu não sei se realmente vai acontecer porque criança é uma caixinha de surpresa, né? Então vamos ver.. até pra ver se eu vou rir de mim mesma, né?” (Flávia)*

*“Tem muita coisa na gravidez inteira que eu escutei e que fui filtrando. Na hora eu acho que a mãe faz o que ela quer, né? No fundo, o que a intuição diz, o instinto maternal, não sei.. vamos ver o que acontece..” (Nathália)*

Ao mesmo tempo em que aparentemente buscam padrões para lidar com o bebê, quando recebem muitos conselhos de terceiros - que ao decorrer do curso são chamados de “palpiteiros” - soando de forma pejorativa, sentem a necessidade de marcar a individualidade e a singularidade da gravidez e das representações desse momento para cada um.

*“Já me falaram que o primeiro mês é punk rock, mas agora fica na fantasia, porque a gente não sabe como ele vai ser, né? Então tudo depende.. tem algumas pessoas que falam ah o meu filho é assim, minha gravidez foi assim. Aí eu falo: é, a sua gravidez foi com você, né? Eu sou outra pessoa, outro indivíduo, meu filho será outro indivíduo, então vai ser completamente diferente do seu.” (Nathália)*

### 3.3.5

#### Consumo

Diante dos imperativos do mundo pós moderno, também encontramos nas falas de nossas entrevistadas uma associação entre consumo e maternidade, pudemos observar que há um mercado voltado às gestantes que engloba desde o chá de bebê até aplicativos para guiar a maternidade.

*“A gente fez as compras, não sei se fiz as compras certas. Eu não sei se eu fiz, se tudo que eu comprei foi suficiente, acho que sim mas não sei. Então eu acho que fazendo, quando eu fui ao curso eu acho que eu.. falei caramba! Isso eu comprei e eu não precisava, ou isso eu comprei achei legal, que bom que eu comprei.”*  
(Marcela)

*“No curso ela pergunta: Vocês compraram toalha de bebê que tem touquinha? Todo mundo tinha comprado. Inclusive eu já tinha comprado e ganhado de presente umas 4 ou 5. Aí ela fala: Mas essa não é a melhor toalha, a melhor é a de adulto porque envolve a criança. Aí você fica com aquela cara de trouxa, sabe? Porque você tem milhões de acessos, assiste a aula, ouve algumas coisas e pensa que não devia ter comprado.”* (Deborah)

No trecho acima podemos observar que em algumas ocasiões o consumo parece estar associado a “garantia” de uma boa maternidade, como se “fazer as compras certas” com base no que foi aprendido proporcionasse certa segurança a essa nova mãe.

Os rituais que historicamente marcam presença em diversos momentos, também estão presentes durante a gestação e na chegada do bebê. No contemporâneo, sua maior característica é a “grandiosidade”, as “super produções”, que podemos observar nas classes sociais que nos dispomos a pesquisar. São exemplos dessa nova característica os enxovais comprados no exterior, os chás de bebês ebaloradíssimos, as festas na maternidade e etc.

*“De repente uma amiga minha tinha uma lista de enxoval, você pira, é um negócio gigantesco.”* (Luana)

*“Hoje em dia nos chás de bebês o pessoal gasta muito dinheiro, parece que está chegando um príncipe, uma princesa, a festa de um ano também altas produções, né?”* (Carolina)

Uma das entrevistadas critica a quantidade de exames e procedimentos realizados nos dias de hoje, acredita que alguns deles são simplesmente uma nova forma do mercado lucrar.

*“Eu acho que tem coisa também de indústria, você não tinha essa quantidade de exame, quando eu nasci, quando você nasceu não tinha essa quantidade de exame que a gente faz hoje. Tem até o que a Sofia diz de algumas coisas que fazem na maternidade que são desnecessárias, que não precisaria, é tudo indústria.” (Carolina)*

O consumo também apareceu como uma forma de tentar diminuir as angústias presentes nesse momento.

*“Meu nome é Deborah e elas falam ah eu Deborei ontem, e o que é Deborar? É quando compram coisas na ansiedade. Porque eu comprei muitas coisas na ansiedade e já deixei tudo montado. Eu era muito ansiosa, com 20 semanas eu já tinha o quarto montado, já tinha comprado todos os móveis, mas era porque eu não tinha nada pra fazer então eu ficava na internet e comprava as coisas.” (Deborah)*

*“Eu comprei bico de silicone e to me apegando tanto em coisas físicas... Vamos ver quando eu trouxer ela pra casa, no meu colo mesmo. Acho que ainda não caiu a ficha direito.” (Flávia)*

Na era da internet, dos blogs e aplicativos, diversas são as ofertas desses tipos de produtos para as mulheres e seus bebês. Certos livros em formato de manual ou mesmo de auto-ajuda já são conhecidos nas prateleiras de diversas livrarias, muitas de nossas participantes relatam ter comprado e até mesmo lido alguns dos “best sellers” voltados a esse público. Mas, em tempos fluidos, onde a informação se atualiza e renova a cada segundo, a nova febre contemporânea voltada à maternidade são os aplicativos de celular, que marcam a quantidade, horário e seio de cada mamada, indicam as principais transformações durante as semanas de gravidez, interagem com especialistas, indicam palestras e cursos e até “ninam” os bebês.

*“É o meu primeiro filho, super programado e eu já estou na quadragésima semana de gestação, ele está previsto pra nascer.. eu tenho aqui um aplicativo que diz exatamente o tempo que eu tô.” (Nathália)*

*“Já ouviu falar disso? Que é ficar dando uns tapinhas nas costas pro bebê dormir, e ai ao invés de você ficar fazendo o shiii olha que legal.. aqui no aplicativo tem barulho de chuva, tem ó do próprio coração, porque ela fica*

*ouvindo aqui o meu coração e o dela, e ai esse é o barulho do ultrassom, né? Olha que legal, você pode botar aqui quantos minutos você quer.. não precisa nem fazer o shii pro bebê dormir, é só botar do lado dele. Ou você pode personalizar, mas ai é botar música, ou pode gravar você mesmo fazendo o shiii e ele fica repetindo sem você precisar ficar repetindo. Bem legal, né? E isso é bem contemporâneo. A Sofia tinha falado de algumas coisas como secador de cabelo..aqui no aplicativo tem o tal do secador de cabelo também, mas esse eu acho muito, deve deixar a criança agitada. A própria encantadora de bebês fala pra botar o barulho bem perto da orelha do neném mas eu não vou botar um negócio desse alto, um secador desse tão perto.” (Flávia)*

## 4

### Considerações finais

É preciso situar os pais que nos propomos a estudar dentro de seu contexto social para que possamos entendê-los. O mundo atual gera novos conflitos, síndromes, medos e inseguranças a todo momento, tornando-se fundamental que os profissionais de Psicologia possam atualizar seus conhecimentos, situando-os no contexto em que vivemos.

Ressaltamos que os atravessamentos da sociedade de consumo - permeada por sentimentos de incerteza e insegurança – podem influenciar uma etapa primordial da vida do ser humano, tal como o nascimento de um filho.

Embora pudéssemos constatar, através da história, que nem sempre a ideia de maternagem associada à ternura e ao afeto estivesse presente nos ideais femininos, tratando-se portanto de uma construção social, hoje em dia, os ideais de capacitação e excelência têm influenciado o imaginário de certas mulheres integrantes de classes sociais com maior poder aquisitivo e acesso à informação, a respeito do que seria a “maternagem perfeita”. Tendo como consequência a procura por cursos privados que “ensinem” e “qualifiquem” não apenas si próprias, como também os seus companheiros a desempenhar os cuidados para com o recém-nascido.

Destacamos a importância, neste momento, de existir uma abertura da mulher à sua sensibilidade para poder intuir sensitivamente o que seu bebê precisa, tornando-se assim possível existir uma relação digna entre mãe-bebê. Torna-se relevante a possibilidade de apoios a essa mãe, que também precisa ser cuidada. É essencial sentir-se segura e amparada para desempenhar um papel tão primordial. Tal apoio deve ser ofertado por seu marido, família e amigos próximos. No entanto, como vimos anteriormente, devido a “falência” das grandes narrativas presentes outrora, as pessoas passaram a buscar um outro tipo de suporte, um tipo de apoio que pode ser comprado.

Pudemos confirmar, através da literatura, que muitas das características que envolvem a representação feminina, não somente no período da gestação, mas

ao longo de sua vida, foram construídas socialmente. A mulher contemporânea é cercada por uma série de desejos e realiza-se de diversas maneiras.

Com base nas entrevistas apresentadas, observamos que a chegada de um bebê na vida de um casal e, mais especificamente na vida da mulher, é uma experiência que envolve diferentes sensações. Embora seja um momento especial, também é marcado por conflitos, questões e angústias.

Dedicamos nossa análise a casais que buscaram por um curso, mas atualmente existe todo um mercado voltado à gestante. Uma matéria encontrada na seção de negócios da revista *Veja Rio* do dia 26 de agosto de 2015, denominada *Lucros em gestação*, exemplifica muito bem o cenário descrito. A matéria chama a atenção ao dizer que empresas e profissionais especializados em atender futuras mães impulsionam um mercado de produtos e serviços, que é blindado contra a crise. Algumas gestantes são entrevistadas, dentre elas, duas personalidades da mídia. Ao relatar os momentos pré-parto, uma das entrevistadas conta que antes de ir à maternidade entrou em contato não só com o médico e a equipe que realizaria o parto, mas também com a equipe de filmagem, o serviço do banco de células, com os responsáveis pela decoração da suíte a qual ficaria internada, além de um maquiador. Em suas palavras: *“você não vai ser mais mãe só porque contratou todos esses serviços, mas, na verdade, é tudo muito legal”*.

Nesse novo mercado estão presentes os mais diversos tipos de serviço e de profissionais, como por exemplo: especialistas em exercícios físicos para grávidas que as acompanham em modalidades como pilates, treinamento funcional, hidroginástica, alongamento e musculação; nutricionistas, endocrinologistas, massagistas, esteticistas e *“baby planners”*. A última modalidade mencionada envolve todo o planejamento desde a chegada do bebê até o seu primeiro ano de vida. Vai desde as compras do enxoval, a decoração e os preparativos para a ida à maternidade, até uma orientação sobre cursos, amamentação, sono e segurança no ambiente doméstico.

Alguns dos recentes serviços oferecidos pelas “principais” maternidades particulares da cidade são: salas de transmissão ao vivo do nascimento, espaços relaxantes, equipe especializada em decoração de apartamento e serviço de bufê, fazendo que esqueçamos estar em uma maternidade. A reportagem finaliza com

uma coluna listando os objetos de desejo denominando-os de “*cinco produtos que fazem a felicidade das mães brasileiras.*”

De acordo com nossa pesquisa, constatamos que as futuras mães buscam o curso como um meio de obter informações, sentirem-se mais seguras e aliviar sua ansiedade, preocupação e angústia diante do novo que é representado pela chegada de um bebê. Embora a responsável pelo curso relate que alguns pais procuram o curso na segunda gestação, todas as nossas entrevistadas estavam esperando seu primeiro filho.

Alguns medos e fantasias mostraram-se presentes quando as mulheres imaginavam os cuidados e as responsabilidades que cercam um recém-nascido. De certo modo, há uma idealização do que nossas entrevistadas imaginam acerca da chegada de um bebê e até mesmo do que significa ser uma boa mãe. Nossas participantes parecem viver um paradoxo quando ao mesmo tempo em que acreditam ter uma maneira correta para agir, buscando por cursos e manuais, sensitivamente acabam por mencionar que cada bebê e cada família possui suas singularidades e indagam se seguir determinadas regras irá “*dar certo*”.

Consideramos a rede de apoio recebida nesse momento como fundamental à saúde tanto da mãe quanto do filho, a partir das entrevistas pudemos notar que os companheiros, e alguns amigos e membros da família, tornam-se figuras de suma importância para que essa nova mãe possa dedicar-se de forma segura e tranquila aos cuidados de seu bebê. Destacamos como aspecto positivo da experiência vivida pelos casais que participaram do curso uma parceria entre marido e mulher, bem como o desejo do companheiro em estar presente e participar dos momentos e decisões que envolvem a chegada do bebê e os cuidados direcionados a ele.

À respeito do consumo, como vimos a partir das falas de nossas participantes e reafirmamos com a reportagem da revista veja, existe um mercado específico voltado para esse segmento. O mundo está em constante movimento, ofertas, pesquisas e oportunidades surgem a todo momento e acreditamos que as novidades contemporâneas possam ser ferramentas para auxiliar os pais dos dias de hoje em determinados aspectos. Para algumas delas, participar do curso serviu como um primeiro contato, um elo com o “*mundo dos recém-nascidos*”, uma

forma de entrar e conhecer o universo infantil, que aparentemente traz uma segurança, nem que seja de caráter passageiro. Por outro lado, ao invés de seguir manuais e receitas prontas que prometem o “sucesso” na criação dos filhos, consideramos que, ao se tratar dos cuidados com o bebê, é importante que os pais devam confiar e entregar-se à própria sensibilidade.

A vida nos tempos pós-modernos, embora vendida como verdadeira liberdade de escolha, demanda dinheiro, esforço constante e, em diversas circunstâncias, *nervos de aço*. Gilberto Safra (2006) constata que o mundo atual nos apresenta uma temporalidade cada vez mais acelerada, que vai contra o tempo da experiência, que é o tempo da duração e da demora que possibilita o convívio.

Em contrapartida às urgências, a velocidade, a fluidez dos tempos pós-modernos, torna-se fundamental resgatar a vivência do *Kairós*, um tempo mágico, representado pela criatividade e pelo afeto, como forma de sobreviver às pressões do viver contemporâneo, que tenta reduzir o tempo às funções de produção e consumo que alienam o sujeito.

Como psicólogos, profissionais da saúde e estudiosos do cuidado, devemos nos atentar para a importância do acompanhamento paterno desde a gestação até os primeiros momentos de vida do seu bebê para que possam expor suas dúvidas, angústias e inseguranças e sejam encorajados a seguir o seu próprio caminho, possibilitando confiar em sua própria sensibilidade.

Sendo assim, acreditamos que por, se tratar de uma temática historicamente recente, ainda não podemos avaliar as consequências de tal atitude. Porém, acreditamos ser de suma importância uma relação genuína, baseada no afeto, onde a mãe está em sintonia com o seu bebê para que o mesmo possa tornar-se sujeito.

Por se tratar de um recorte, esperamos, e acreditamos, que esse estudo não necessariamente deva ser finalizado, mas ampliado, de modo a receber considerações daqueles que se interessam pelo assunto, bem como que possa inspirar outros e que essa temática, ainda recente, passe a ser objeto de atenção não só de nossas pesquisas, mas de nossa atuação tanto profissional quanto humana.

Algumas novas questões surgiram a partir desse trabalho, que servem somente como indagação para futuros desenvolvimentos. Por exemplo, o fato de o curso ser ministrado por uma figura feminina influencia na credibilidade do mesmo? Embora muitos obstetras e pediatras sejam do sexo masculino, e apesar da crescente participação dos homens, os cuidados com os bebês ainda são tradicionalmente desenvolvidos por mulheres. A participação masculina, que na amostra estudada se mostrou presente em todos os casos, estaria mudando também em outros segmentos sociais? Outra questão, que não foi abordada neste estudo, refere-se à dupla função profissão/maternidade. Até que ponto a demanda por “*receitas prontas*” poderia estar associada a um desejo de estabelecer rapidamente rotinas que permitam esse duplo exercício?

## Referências bibliográficas

ALMEIDA, S; JABLONSKI, B. (2011). *O novo (velho) homem: o masculino nos livros de autoajuda*. Arq. bras. psicol., Rio de Janeiro , v. 63, n. 2.

ARIÈS, P. (1978). *História social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

AULAGNIER, P. (1989). *O aprendiz de historiador e o mestre-feiticeiro - do discurso identificante ao discurso delirante*. São Paulo: Escuta.

\_\_\_\_\_. (1990). *Um intérprete em busca de sentido*. São Paulo: Escuta.

BADINTER, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

BARBOSA, P. Z. & ROCHA-COUTINHO, M. L. (2007). *Maternidade: novas possibilidades, antigas visões*. Psicologia Clínica, 19(1), 163-185.

BARDIN, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

BAUDRILLARD [1981]. *A Sociedade de consumo*. Lisboa: Edição 70, 1997.

BAUMAN, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar.

\_\_\_\_\_. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.

\_\_\_\_\_. (2004). *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_. (2005). *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Zahar.

BITTENCOURT, M.I.G.F. (2002). *Ilusão e criação na sociedade de consumo: um estudo sobre o divertimento*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2002. 141 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. (2005). *Reflexões sobre o tempo: instrumentos para uma viagem pelo ciclo vital*. Psychê, 9(15), 93-104.

BRASILEIRO, R.F; JABLONSKI, B. & FÉRES-CARNEIRO, T. (2002). *Papéis de gênero e a transição para a parentalidade*. Revista PSICO, 33, 2, JUL/DEZ, 289-310.

BOFF, L. (1999). *Saber Cuidar: ética do humano - compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes.

\_\_\_\_\_. (2012). *Quem cuida do cuidador*. Disponível em: <https://leonardoboff.wordpress.com/2012/04/29/quem-cuida-do-cuidador/>. Acesso em: 17 de agosto de 2015.

DIAS, E.O. (2014). *A Teoria do Amadurecimento de D. W. Winnicott*. São Paulo: DWW Editorial.

DOLTO, F. (1984). *Seminário de psicoanálisis con niños*. México: Siglo XXI.

FONTES, I.; ROXO, M.; SOARES, M.C.S. & KISLANOV, S. (2014). *Virando gente - a história do nascimento psíquico*. São Paulo: Ideias & Letras.

GIDDENS, A. (1991). *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp.

\_\_\_\_\_. (1992). *A Transformação da Intimidade*. São Paulo: Editora Unesp.

HARVEY, D. (1992). *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola.

JABLONSKI, B. (1996). *A aferição de atitudes de jovens solteiros(as) frente à crise do casamento: uma réplica*. Cadernos de Psicologia, Série Social e Institucional, 5, 5-21.

\_\_\_\_\_. (1998). *Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo* (2a ed.). Rio de Janeiro: Agir.

\_\_\_\_\_. (2001). *Atitudes frente à crise do casamento*. In T. Féres-Carneiro (Ed.), *Casamento e família: do social à clínica* (pp. 81-95). Rio de Janeiro: NAU.

\_\_\_\_\_. (2003). *Afinal, o que quer um casal? Algumas considerações sobre o casamento e a separação na classe média carioca*. In T. Féres-Carneiro

(Ed.), *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas* (pp. 141-168). Rio de Janeiro: Loyolla.

\_\_\_\_\_. (2010). *A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento*. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30, 262-275.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. [1982]. *Vocabulário da psicanálise*. 4a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEBOVICI, S. (1987). *O bebê, a mãe e o psicanalista*. Porto Alegre: Artes Médicas.

LIPOVETSKY, G. (1989). *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio d'água.

\_\_\_\_\_. (2004). *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla.

MIZRAHI, B.G. (2004). *A Relação Pais e Filhos Hoje: A Parentalidade e as Transformações no Mundo do Trabalho*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio.

MOURA, S.M.S.R., ARAÚJO, M.F. (2004) *A maternidade na história e a história dos cuidados maternos*. *Revista Psicologia: Ciência e Profissão*. 24(1), 44 – 55.

PLASTINO, C.A. (2009). *A dimensão constitutiva do cuidado*. In: MAIA, M.S. (org.). *Por uma ética do cuidado*. Rio de Janeiro: Garamond.

REVISTA VEJA RIO. (2015) *Lucros em gestação*. Rio de Janeiro, p. 32-36 agosto.

ROCHA-COUTINHO, M.L. (2003). *Quando o executivo é uma dama: a mulher, a carreira e as relações familiares*. In T. Féres-Carneiro (Ed.), *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. Rio de Janeiro: Ed. da PUC-Rio.

\_\_\_\_\_.(2004) *Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil*. *Temas em Psicologia da SBP*, 12(1), 2-17.

ROUDINESCO, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

SAFRA, G. (2006). *Desvelando a memória do humano*. São Paulo: Sobornost.

SANTOS, J.F. (1997). *O que é o pós-moderno*. São Paulo: Brasiliense.

WINNICOTT, D.W. [1956] *Da pediatria à psicanálise* Rio de Janeiro: Imago, 2000.

\_\_\_\_\_. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. [1979] *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria d desenvolvimento emocional-* Porto Alegre, Artmed, 1983.

\_\_\_\_\_. [1988] *Os bebês e suas mães*. 4º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

\_\_\_\_\_. [1993] *A família e o desenvolvimento individual*. 4º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. [1989] *Tudo começa em casa*. 5º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. [1964] *A criança e o seu mundo*. 6º ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

## Anexos

### ANEXO A

#### ROTEIRO DE ORIENTAÇÃO PARA A ENTREVISTA

- ✓ Pergunta disparadora: O que motivou a busca pelo curso para casais grávidos?
- ✓ Espera que o curso contribua de qual forma nesse período?
- ✓ Na sua opinião quais as características de uma boa mãe?
- ✓ Como imagina o nascimento e os primeiros meses de vida do seu filho(a)?
- ✓ Você vai contar com algum suporte/apoio externo?

## ANEXO B

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Instituição de origem:** Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

**Título da pesquisa:** Ser mãe em tempos líquidos (dissertação de mestrado)

**Pesquisadora:** Roberta Corrêa Lanzetta

Email: [r.lanzetta@hotmail.com](mailto:r.lanzetta@hotmail.com) Telefone: (021) 97457-6891

**Orientadora:** Professora Maria Inês Bittencourt

Email: [mines@puc-rio.br](mailto:mines@puc-rio.br) Telefone: (021) 99227-5607

Nosso objetivo é compreender as questões relacionadas à vivência da “preocupação materna primária” nos dias de hoje. Isso é, buscamos analisar a percepção das mães no que tange à maternagem no contexto contemporâneo.

A pesquisa é realizada a partir de uma entrevista gravada e, posteriormente, transcrita, permanecendo sob a responsabilidade da pesquisadora todo e qualquer dado de identificação. Todas as informações têm caráter confidencial, portanto sua identidade será mantida sob sigilo.

Estão previstas duas entrevistas. Uma nas últimas semanas de gestação e outra nas primeiras semanas de vida do bebê (aproximadamente 45 dias de nascimento do mesmo).

Os desconfortos ou riscos decorrentes da sua participação são mínimos e se desejar, poderá receber encaminhamento para uma ajuda profissional terapêutica (SPA PUC-Rio ou particular. Sua participação é voluntária, estando livre para interromper a conversa quando assim desejar sem qualquer penalização. Além disso, fazer as perguntas que julgar necessárias; recusar-se a responder ou falar de assuntos que lhe possam causar qualquer tipo de constrangimento.

Com sua adesão, você estará contribuindo para conhecermos mais sobre o exercício da maternidade nos dias atuais.

Assinando este formulário de consentimento, você estará autorizando a pesquisadora a utilizar, em ensino, pesquisa e publicação, as informações prestadas na entrevista, sendo preservada sua identidade e a dos membros da sua família. Você terá acesso aos resultados da pesquisa caso desejar.

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado (a) sobre o estudo acima referido e compreendi seus objetivos. Tive a oportunidade de fazer perguntas e todas as minhas dúvidas foram respondidas a contento. Este formulário está sendo assinado voluntariamente por mim, em duas vias (uma para mim e outra para a pesquisadora) o que indica meu consentimento para participar desta pesquisa.

---

Assinatura da Entrevistada

---

Assinatura da Pesquisadora

Rio de Janeiro, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_